



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS, EDUCAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RISCOS E VIOLÊNCIA(S) NAS SOCIEDADES ATUAIS: ANÁLISE E INTERVENÇÃO SOCIAL

BULLYNG NAS REDES SOCIAIS: A PERCEÇÃO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Dissertação apresentada a provas públicas para obtenção do grau de mestre em Riscos e Violência(s) nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social, orientada pela Prof.^ª Fátima Cristina da Silva Ribeiro Gameiro

MARIA JOÃO RODRIGUES LOURENÇO, 22101583

2025

www.ulusofona.pt



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS, EDUCAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RISCOS E VIOLÊNCIA(S) NAS SOCIEDADES ATUAIS: ANÁLISE E INTERVENÇÃO SOCIAL

BULLYNG NAS REDES SOCIAIS: A PERCEÇÃO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

VERSÃO FINAL

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona, Centro Universitário de Lisboa no dia 29/04/2025, perante o júri nomeado pelo Despacho de Nomeação n.º:200/2025 de 21 de fevereiro de 2025 com a seguinte composição:

Presidente: Prof. Doutor Nélson Alves Ramalho

Arguente: Prof.^a Doutora Paula Isabel Marques Ferreira

Orientador: Prof.^a Doutora Fátima Cristina da Silva Ribeiro Gameiro

MARIA JOÃO RODRIGUES LOURENÇO, 22101583

2025

www.ulusofona.pt

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero expressar a minha imensa gratidão à Professora Fátima Gameiro, cuja orientação, paciência e sabedoria foram fundamentais ao longo desta jornada. O seu apoio constante e os seus conselhos valiosos foram cruciais para a realização deste trabalho.

À minha mãe, por ser o meu porto seguro, pelo amor incondicional e pela força que sempre me transmitiu. Ao meu irmão, por ser uma fonte constante de inspiração e apoio, mesmo nas horas mais difíceis.

À minha amiga Inês, cuja amizade e palavras de encorajamento nunca falharam, especialmente nos momentos em que mais precisei.

E, especialmente, ao meu namorado Rodrigo, pelo amor, pela compreensão e pelo apoio inabalável. A sua presença constante, paciência e motivação foram pilares fundamentais para que eu conseguisse superar todos os desafios.

A cada um de vocês, o meu mais profundo agradecimento.

Esta conquista é tão minha quanto vossa.

RESUMO

O *cyberbullying* ou *bullying* digital é uma forma de violência *online* que se tem tornado cada vez mais comum nas redes sociais. Este tipo de *cyberbullying* é designado de *bullying* nas redes sociais. Os estudantes universitários encontram-se numa fase de transição nas suas vidas e podem estar particularmente vulneráveis aos efeitos negativos deste tipo de *bullying*. A capacidade de resiliência tem sido identificada como fundamental na mitigação do *stress* associado ao *bullying*. Este estudo pretende assim conhecer a prevalência de *bullying* nas redes sociais em estudantes universitários; caracterizar os estudantes vítimas e promotores de *bullying* nas redes sociais, avaliar a relação entre resiliência e *bullying nas redes sociais* e conhecer se as características sociodemográficas destes estudantes retratam diferentes envolvimento face ao agressor/vítima de *bullying* nas redes sociais. Para dar resposta a estes objetivos, 224 estudantes universitários, com idades entre os 18 e os 55 anos ($M=23,35$), a maioria do género feminino (83%), foram avaliados. O protocolo de avaliação foi composto por dados sociodemográficos, o questionário de *Bullying nas Redes Sociais* e a Escala Breve de *Coping Resiliente*. Os resultados revelam que 37,5% da amostra já esteve envolvida em situações de *bullying* nas redes sociais (27,7% como vítima, 2,2% como agressor e 7,6% como vítima e agressor). As redes sociais mais utilizadas para agredir foram o *Instagram* e o *Facebook*. A resiliência revelou desempenhar um papel essencial na redução do impacto do *bullying*, com estudantes mais resilientes a mostrarem menores níveis de sofrimento emocional e maior eficácia nas suas estratégias de *coping*. Existem mais mulheres vítimas, mais mulheres agressoras e mais homens que se descrevem como vítimas e agressores simultaneamente. Quanto à idade, os que são simultaneamente vítimas e agressores são os mais velhos, de seguida os agressores e os mais novos são as vítimas. Estes resultados destacam a importância de desenvolver programas de apoio e intervenções que fortaleçam a resiliência e a capacidade de *coping* dos estudantes universitários, de forma a prevenir e minimizar os danos associados ao *bullying* nas redes sociais.

Palavras-chave: *Cyberbullying*; *Bullying* nas Redes sociais; Estudantes universitários; Resiliência; *Coping*.

ABSTRACT

Cyberbullying, or digital bullying, is a form of online violence that has become increasingly common on social media platforms. When it occurs specifically in this context, it is referred to as social media bullying. University students, who are in a transitional and developmental phase of their lives, may be particularly vulnerable to the negative effects of this type of bullying. Resilience has been identified as a key factor in mitigating the stress associated with bullying. This study aimed to: (1) examine the prevalence of social media bullying among university students; (2) characterize the victims and perpetrators; (3) assess the relationship between resilience and involvement in social media bullying; and (4) determine whether sociodemographic characteristics influence the likelihood of being a victim, perpetrator, or both. A total of 224 university students participated in the study, aged between 18 and 55 years ($M = 23.35$), with the majority being female (83%). The assessment protocol included a sociodemographic questionnaire, the Social Media Bullying Questionnaire, and the Brief Resilient Coping Scale. The results showed that 37.5% of the sample had been involved in social media bullying situations, with 27.7% as victims, 2.2% as perpetrators, and 7.6% as both victims and perpetrators. The most used platforms for bullying were Instagram and Facebook. Resilience was found to play a crucial role in reducing the impact of bullying, with more resilient students showing lower levels of emotional distress and more effective coping strategies. The data also revealed that more women reported being victims, more women reported being perpetrators, and more men described themselves as both victims and perpetrators. Regarding age, those who were both victims and perpetrators tended to be older, followed by perpetrators, while the youngest participants were more often victims. These findings highlight the importance of developing support programs and interventions focused on strengthening resilience and coping strategies among university students, to prevent and minimize the harm associated with social media bullying.

Keywords: Cyberbullying; Social networks; University students; Resilience; Coping.

ABREVIATURAS E SIGLAS

APAV	Associação Portuguesa de Apoio à Vítima
EUA	Estados Unidos da América
OMS	Organização Mundial de Saúde
SPSS	<i>Statistical Package for the Social Sciences</i>
UNICEF	<i>United Nations International Children's Emergency Fund</i> Fundo das Nações Unidas para a Infância
WHO	<i>World Health Organization</i>

Índice

INTRODUÇÃO.....	12
PARTE I. REVISÃO TEÓRICA.....	15
CAPÍTULO 1. CYBERBULLYING/BULLYING DIGITAL	15
1.1. Enquadramento conceptual	15
1.2. Dados estatísticos	21
1.3. Enquadramento legal	21
CAPÍTULO 2. BULLYING NAS REDES SOCIAIS.....	22
2.1. Redes sociais	22
2.2. Bullying nas redes sociais.....	23
2.2.1. Bullying nas redes sociais nos estudantes universitários.....	24
PARTE II. ESTUDO EMPIRICO	26
CAPÍTULO 3. OBJETIVOS	26
3.1. Pertinência da investigação.	26
3.2. Objetivos da investigação.....	26
3.2.1. Objetivos gerais e específicos.....	26
CAPÍTULO 4. METODOLOGIA	30
4.1. Desenho da investigação/ Descrição de Variáveis.....	30
4.3. População e amostra.....	31
4.4. Instrumentos de avaliação	41
4.5. Procedimento.....	43
4.6. Análise estatística.....	44
CAPÍTULO 5. RESULTADOS.....	45
CAPÍTULO 6. DISCUSSÃO.....	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81

Índice de Apêndices

Apêndice I- Questionário: Dados Sociodemográficos

Apêndice II- Questionário sobre *Cyberbullying* nas Redes Sociais

Apêndice III- Escala Breve de *Coping Resiliente*

Índice de Gráficos

Gráfico 1. Caracterização da Amostra por Género.....	31
Gráfico 2. Caracterização da Amostra por Idade	32
Gráfico 3. Caracterização da Amostra por Situação Amorosa.....	33
Gráfico 4. Caracterização da Amostra por Situação de Residência	34
Gráfico 5. Caracterização da Amostra por Distrito e Região de residência	35
Gráfico 6. Caracterização da Amostra por Região de Residência.....	36
Gráfico 7. Caracterização da Área de Estudo.....	37
Gráfico 8. Caracterização do ano de frequência académica da amostra	38
Gráfico 9. Caracterização da utilização das redes sociais por parte da amostra	39
Gráfico 10. Caracterização da utilização das Redes Sociais por parte da amostra	40
Gráfico 11. Caracterização da prevalência de bullying nas redes sociais em estudantes universitários	45
Gráfico 12. Caracterização da frequência de vitimação de bullying nas redes sociais	46
Gráfico 13. Caracterização da forma como se sentem as vítimas de bullying nas redes sociais	47
Gráfico 14. Em que turma está(ão) a(s) pessoa(s) que comete(m) atos de cyberbullying usando as redes sociais	48
Gráfico 15. Quem é que pratica cyberbullying contra a vítima, através da(s) rede(s) social(is)	49
Gráfico 16. A percepção do tempo que duram as práticas de cyberbullying	50
Gráfico 17. Comportamento que a vítima teve perante o ato de agressão	51
Gráfico 18. Redes sociais utilizadas para cometer a agressão.....	52
Gráfico 19. Frequência da agressão.....	53
Gráfico 20. Como se sentem os agressores	54
Gráfico 21. Percepção dos agressores sobre como a vítima se sente	55
Gráfico 22. Percepção do agressor sobre a relação/conhecimento sobre a vítima	56
Gráfico 23. Percepção da vítima sobre a relação/conhecimento sobre o agressor	57
Gráfico 24. Percepção de tempo de duração dos atos de agressão sobre as vítimas	58
Gráfico 25. Redes sociais utilizadas pelos agressores para praticar os atos de agressão	59
Gráfico 26. Frequência do comportamento de agressão.....	60
Gráfico 27. Como as vítimas se sentem sabendo que sofrem desta violência.....	61

Gráfico 28. Como os agressores se sentem ao praticar esta violência	62
Gráfico 29. Perceção que têm do impacto do seu comportamento na forma de sentir da vítima enquanto vítimas e promotores de bullying nas redes sociais.....	63
Gráfico 30. Perceção de relação /conhecimento que tem com a/da vítima enquanto vítimas e promotores de bullying nas redes sociais	64
Gráfico 31. Perceção dos agressores a quem praticam o ato	65
Gráfico 32. Representação de quem é o jovem/grupo promotor/alvo do seu comportamento, enquanto vítimas e promotores de bullying nas redes sociais.....	66
Gráfico 33. Grupo ou indivíduos a quem os agressores praticam cyberbullying	67
Gráfico 34. Duração dos seus atos de vitimação/agressão enquanto vítimas e promotores de bullying nas redes sociais	68
Gráfico 35. Duração das práticas dos agressores	69
Gráfico 36. Redes sociais que utilizaram para ser alvo/promover o(s) ato(s) de agressão enquanto vítimas e promotores de bullying nas redes sociais.....	70
Gráfico 37. Redes sociais utilizadas pelos agressores para as práticas de cyberbullying	71

Índice de Tabelas

Tabela 1. Sexo dos estudantes universitários em função dos diferentes envolvimento face ao agressor/vítima de cyberbullying	73
Tabela 2. Idade dos estudantes universitários em função dos diferentes envolvimento face ao agressor/vítima de cyberbullying	73
Tabela 3. Situação/condição de residência dos estudantes universitários retrata diferentes envolvimento face a agressor/vítima de cyberbullying	74
Tabela 4. Área de Estudo dos estudantes universitários em função dos diferentes envolvimento face ao agressor/vítima de cyberbullying	75

INTRODUÇÃO

Violência digital, *bullying* digital, *cyberbullying* ou *bullying* na Internet, segundo o Centro Internet Segura (2024) são termos utilizados para descrever qualquer tipo de comportamento de agressão, ameaça ou intimidação com o objetivo de causar dor, vergonha, medo e/ou desconforto nas suas vítimas, utilizando a internet ou outros canais virtuais.

Um estudo realizado em 2022 pela Organização Mundial de Saúde (OMS) para a Europa revela que nos últimos anos, um em cada seis jovens em idade escolar, foi vítima de *Cyberbullying*. Em Portugal, de acordo com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), em 2022 houve um acréscimo de mais de 181% de vítimas.

O mundo digital é cada vez mais uma realidade significativa. Após a pandemia do COVID-19, as redes sociais ganharam uma enorme significância a nível relacional que parece ter vindo para ficar.

Este estudo tem assim diversas funções. Em primeiro lugar, permite uma compreensão mais aprofundada do fenómeno, incluindo a definição do que é *cyberbullying*, as características distintas em relação a outras formas de *bullying*, e os diferentes tipos de comportamentos que englobam, além de identificar as causas subjacentes e motivações que levam os indivíduos a praticar esta violência, considerando fatores psicológicos, sociais e culturais. Em segundo lugar, permite analisar o impacto do *cyberbullying*, tanto nas vítimas, que podem sofrer consequências psicológicas/emocionais, físicas e sociais, quanto nos agressores, examinando os efeitos a longo prazo nas suas vidas. Além disso, a pesquisa académica é fundamental para o desenvolvimento de intervenções e políticas eficazes. Isso inclui a criação de programas de prevenção que podem ser implementados em escolas e comunidades, bem como a criação de políticas educacionais e legislações que protejam as vítimas e responsabilizem os agressores nas redes sociais.

O estudo permite assim conhecer a evolução do *cyberbullying* com as mudanças tecnológicas e sociais, garantindo que as respostas e intervenções sejam atualizadas e eficazes. Comparações internacionais possibilitadas por estudos académicos permitem a troca de melhores práticas a nível global, promovendo um entendimento mais amplo e soluções mais eficazes. Em suma, a abordagem académica ao tema do *bullying* nas redes sociais é crucial para desenvolver uma compreensão abrangente e profunda do fenómeno, criar intervenções eficazes e formular políticas que protejam os indivíduos e promovam um ambiente digital mais seguro e saudável. Refletir acerca da educação e da consciencialização são outros aspetos importantes.

Face a esta introdução inicial acerca do que será apresentado ao longo deste trabalho, procuramos, a nível empírico, conhecer junto dos estudantes universitários, a prevalência de

bullying nas redes sociais (quem nunca foi vítima, quem foi vítima, quem foi agressor e quem foi vítima e agressor); caracterizar os estudantes universitários vítimas, agressores e vítimas e agressores de *bullying* nas redes sociais (frequência, forma como se sentem, perceção de impacto, relação, alvo, duração, redes sociais utilizadas); avaliar a relação entre resiliência e *bullying* nas redes sociais; e conhecer se as características sociodemográficas (sexo, idade, situação amorosa, situação/condição de residência, região de residência, área de estudo frequentada, ano curricular) dos estudantes universitários retratam diferentes envolvimento face ao agressor/vítima de *bullying* nas redes sociais.

Estes objetivos pretendem oferecer uma visão abrangente do *bullying* nas redes sociais entre estudantes universitários, permitindo não só identificar os fatores associados, mas também compreender as características dos indivíduos envolvidos e as suas interações no contexto das redes sociais. Em primeiro lugar, procura-se conhecer a prevalência do *bullying* nas redes sociais entre estudantes universitários. Em seguida, o estudo pretende avaliar a relação entre resiliência e *bullying* nas redes sociais, uma área que tem sido explorada para entender como é que os fatores de proteção podem mitigar os impactos negativos do *bullying online*. Isso alinha-se com pesquisas anteriores que identificaram a resiliência como um componente crucial na resposta dos indivíduos ao *cyberbullying*. Outro aspeto essencial é investigar se as características sociodemográficas dos estudantes universitários influenciam os padrões de envolvimento como agressor e/ou vítima de *bullying* nas redes sociais.

Assim, os objetivos deste estudo não se alinham apenas com os trabalhos anteriores na área do *cyberbullying*, mas também expandem o conhecimento existente ao focarem-se especificamente na população de estudantes universitários, proporcionando uma análise detalhada e atualizada das dinâmicas de *bullying* nas redes sociais neste grupo demográfico.

O presente estudo está estruturado em duas partes. Uma primeira parte onde se expõe uma revisão teórica relacionada com o tema. É apresentado no primeiro capítulo o *bullying* digital/*cyberbullying*, explanadas as principais definições concetuais, promovido o seu enquadramento legal e apresentados os principais dados estatísticos e no segundo capítulo aborda-se o *bullying* nas redes sociais nos estudantes universitários. A segunda parte da investigação destina-se à vertente empírica, composta pelos objetivos gerais e específicos, sendo identificadas a pertinência e a problemática da investigação, com posterior descrição da metodologia adotada, segmentada no desenho de investigação escolhido, descrição das variáveis, características da população e amostra, quais os instrumentos de avaliação e técnicas de recolha de dados utilizadas. Far-se-á uma descrição do procedimento seguido ao longo da

realização do presente estudo e a descrição da análise estatística em conformidade com as características da amostra e objetivos da investigação, assim como a análise de conteúdo. De seguida são apresentados os resultados obtidos, promovida a sua interpretação e discussão. Por fim elaboram-se as considerações finais sobre o estudo, são apresentadas as limitações e propostas algumas sugestões para estudos futuros.

PARTE I. REVISÃO TEÓRICA

CAPÍTULO 1. *Cyberbullying/Bullying Digital*

1.1 Enquadramento conceptual

Violência ou violências não possuem sempre o mesmo significado ou as mesmas consequências. Karli (2008) refere que “trata-se sempre de atitudes e de condutas que magoam o outro, que prejudicam a sua integridade física e ou psíquica, mesmo quando as suas formas e contextos variam amplamente” (p. 9).

A Organização Mundial da Saúde ([OMS], cit in Dahlberg, & Krug, 2007) define a violência como “o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação” (p. 1165).

O Bullying é caracterizado como um tipo de violência entre pares, que tem como objetivo ferir e constranger as vítimas, identificado pela “... repetibilidade das agressões ao longo do tempo, intencionalidade em causar sofrimento ao outro e desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.” (Silva et al., 2017, p. 2330). Associa-se assim a três critérios que o definem: intencionalidade, repetição e desequilíbrio de força e poder entre a vítima e seu agressor.

O *bullying* pode assim ser percebido como um conjunto de ameaças ou atos de humilhação, praticados através de violência física ou psicológica, com o objetivo de intimidar ou agredir o outro (Santos, 2016, cit in Arôcha, 2020). A intenção de fazer “mal” e a persistência de uma prática violenta a que a vítima está sujeita é o que distingue o *bullying* de outras situações ou comportamentos agressivos. São estes, o mal causado à vítima, que não resulta apenas de uma provocação, mas sim por várias ações que tenham sido reconhecidas como provocações; as ameaças e a regularidade da vitimização de outros; na maioria das vezes os agressores são ainda mais fortes fisicamente e recorrem ao uso de “armas brancas” (Vila et al., 2009).

O *bullying* consiste assim em comportamentos agressivos e persistentes, originados por um indivíduo e/ou por um grupo de indivíduos que podem durar semanas, meses ou até anos, sendo difícil para as vítimas conseguirem defender-se (Vila et al., 2009).

É importante referir que o *bullying*, à semelhança de outros comportamentos agressivos, é identificado pela capacidade de magoar alguém, que é vítima de um ato violento, enquanto os seus agressores evidenciam a tendência para desencadear e agravar situações em que as vítimas estão numa posição vulnerável (Vila et al., 2009). O sofrimento destas, pode ser repercutido a

nível físico, psicológico ou conduzindo à exclusão sobre a forma de discriminação social (Vila et al., 2009).

Esta é uma conduta antissocial, onde a consequência da mesma tem aumentado, principalmente nas comunidades mais jovens e em relacionamentos, manifestando-se através de comportamentos inadequados com a intenção de magoar alguém física e/ou psicologicamente (Berkowitz, 1993, cit in Monteiro, 2012). Sampaio (2015), destaca os impactos negativos do *bullying* no contexto escolar, entre eles, “... as consequências sociais, como solidão, exclusão social, baixo desempenho escolar, faltas reiteradas às aulas, evasão [...]” (p. 345).

Ao contrário do *bullying*, o *cyberbullying* é praticado indiretamente e pode permitir o anonimato dos agressores. Violência digital ou *cyberbullying*, muitas vezes designado por *bullying* na internet, é o termo que descreve qualquer tipo de comportamento de agressão, ameaça ou intimidação com o objetivo de causar dor, vergonha, medo e/ou desconforto nas suas vítimas, utilizando a internet ou outros canais virtuais (Centro Internet Segura, 2024). Envolve a utilização de dispositivos eletrónicos de comunicação que têm lugar numa variedade de plataformas tecnológicas de informação e comunicação, incluindo mensagens de texto, correio eletrónico, redes sociais públicas ou privadas (por exemplo, *Instagram*, *TikTok*, *Facebook*, *Twitter*, *Snapchat*), vídeos no *YouTube* ou outras plataformas.

Quando falamos em violência digital, o alvo destes comportamentos pode estar constantemente a sofrer vitimação, uma vez que é praticado através da internet, o que possibilita ao ofensor uma vantagem, relativamente ao *bullying*. Como não é necessário que a vítima e o ofensor se encontrem no mesmo local, este tipo de comportamento ilícito pode ocorrer em qualquer lugar e tempo (Santos Moreira, 2021). Ou seja, o facto de o *cyberbullying* poder ser praticado de forma anónima faz com que os agressores se sintam mais ‘à vontade’ para intimidar as suas vítimas.

De acordo com Gonçalves de Sá (2017), o *cyberbullying* é uma forma de violência que ocorre em ambientes virtuais, utilizando dispositivos eletrónicos para assediar, ameaçar ou humilhar indivíduos. Este fenómeno tem particular impacto na população jovem, que é a mais ativa nas plataformas digitais. Já para Gomes da Costa (2019), o *cyberbullying* é uma forma de violência que é facilitado pelo uso crescente de tecnologias digitais. O ambiente *online* oferece uma larga possibilidade para essas práticas, devido ao anonimato e à facilidade de disseminação de informações.

A literatura também refere que quando a violência *online* é dirigida a “quem” as pessoas

são (quer grupal quer individualmente), a possibilidade de isso resultar num silenciamento é maior do que quando se dirigem ao que elas “pensam” (Simões et al., 2022).

Os motivos e causas do *cyberbullying* são diversos. Entre eles, destacam-se a necessidade de afirmação social, o desejo de poder e controle sobre os outros, e em alguns casos, a retaliação por ofensas recebidas. A dinâmica de grupo também desempenha um papel crucial, com a pressão dos pares frequentemente influenciando o comportamento dos jovens (Gomes da Costa, 2019).

As causas do *cyberbullying* são assim variadas e complexas, incluindo fatores individuais, sociais e tecnológicos. Fatores individuais podem incluir características pessoais como agressividade, necessidade de poder e falta de empatia. Fatores sociais envolvem a dinâmica de grupo e a influência dos pares, onde a pressão para se conformar a normas de grupo pode levar a perpetuar os atos.

A exposição constante ao *cyberbullying* pode trazer impacto psicológico. De acordo com a revisão de literatura, destacam-se os sintomas: ansiedade, depressão, ataques de pânico, baixa autoestima e falta de confiança, problemas de sono, incapacidade de concentração, medo, desconforto e insegurança, sentimentos de culpa, vergonha e vulnerabilidade na interação online (Simões et al., 2022). Também é referido por Pereira, em 2021, que a vitimação do *bullying* e *cyberbullying* está associada à solidão. Segundo o autor, isto indica que ao experimentar repetidamente a sensação de ser excluído e isolado por outros, aumenta e intensifica o sentimento de solidão.

Existem diversas formas de *cyberbullying*. Uma delas é o *stalking*. Este sempre existiu, mas somente em meados do século XX é que se começou a dar-lhe a devida importância. Muitas vezes, este comportamento é encarado como uma manifestação de afeto e devido a isso, foi sempre ignorado ou desculpabilizado pela sociedade. Atualmente, é considerado como uma forma de violência interpessoal (Matos et al., 2012; Moreira, 2021). É definido como uma perseguição e/ou assédio persistente, cometido através do uso das tecnologias (Burmester et al., 2005). Frommholz (2016) define as mensagens de *cyberstalking* como mensagens indesejadas, repetidas e persistentes, enviadas por alguém que pode ser conhecido do alvo (e.g., familiares, amigos), ou por alguém desconhecido e que pratica este tipo de comportamentos com o intuito de obter um objetivo específico (Frommholz et al., 2016; Moreira, 2021).

Já o *sexting* é uma atitude sexual que consta no envio de fotos e/ou vídeos íntimos de forma consensual. Aqui a questão é quando essas imagens são divulgadas sem permissão, seja publicamente ou para contatos próximos da vítima, para prejudicá-la e constrangê-la. Em alguns

casos, o agressor pode usar esse conteúdo para extorquir dinheiro da vítima, uma prática conhecida como *sextortion* (Harán, 2021)

Fraping é um termo em inglês, utilizado para relatar uma forma de *cyberbullying* que ocorre quando um indivíduo consegue aceder às redes sociais de alguém e publica, em nome da vítima, comentários agressivos e/ou degradantes ou mensagens para certos indivíduos ou grupos, afetando a identidade digital e a reputação do usuário, fazendo com que esses comentários possam assemelhar-se a opiniões reais.

Os chamados “perfis falsos”, consistem em o agressor se passar por outra pessoa utilizando imagens e/ou o nome de um indivíduo para criar perfis falsos com a intenção de assediar e/ou perseguir uma vítima. Através destes, os agressores procuram agir de forma anónima. Isto pode levar ao roubo de dados pessoais ou até mesmo ao roubo de identidade.

A exclusão consiste no objetivo intencional de não permitir que uma pessoa de um grupo social, seja no trabalho, na escola ou em outro ambiente, participe em dinâmicas com outras pessoas, tais como, em grupos de *WhatsApp*, videojogos ou em qualquer outro tipo de atividade efetuada pela internet. Esta exclusão pode influenciar o desenvolvimento da autoestima, sendo esta realidade mais evidente o caso dos mais jovens (Harán, 2021).

O cancelamento é outra forma de violência digital e consiste em parar de seguir um indivíduo como represália por este ter tido uma determinada atitude. Esta forma de violência pode ser em resposta a comentários concebidos por uma figura pública ou criador de conteúdos e tem um impacto negativo no entendimento que outras pessoas podem ter sobre eles.

Grooming, é uma prática em que um adulto contacta um menor de idade pela internet para obter a sua confiança e amizade com a intenção de abusar sexualmente da vítima. É importante esclarecer que o abuso pode consistir em iniciar uma conversa de natureza sexual com um menor, pedir que a vítima envie fotografias, vídeos ou até mesmo promover o envolvimento em práticas sexuais. Essas mensagens começam por meio de redes sociais ou qualquer meio digital que permita a interação entre duas ou mais pessoas (Harán, 2021).

Desta forma, podemos concluir que o *Cyberbullying* ocorre através da utilização de diferentes dispositivos que se interligam à internet, podendo ser através: de *emails*; de *blogs*; de grupos de discussão; de mensagens de texto/multimédia; de programas de mensagens instantâneas; de salas de *chat* na *web*; de grupos e coletividades nas redes sociais; de chamadas telefónicas provocadoras, ameaçadoras, realizadas através de telemóvel; de plataformas e aplicações de partilha de fotos e/ou vídeos; de aplicações de trocas de mensagens para telemóveis, tais como o *Facebook*, *Messenger*, *WhatsApp*, *Snapchat* entre outros; de sistemas

e aplicações de videoconferência, tais como o *Skype*, *Facebook Messenger* ou *Streaming*; de jogos *online* para múltiplos jogadores (Moraes et al., 2016).

Para contrariar estes comportamentos de agressão, algumas das estratégias de prevenção e intervenção passam por evidenciar a importância de uma abordagem que envolva a família, a escola e a comunidade. A educação e a consciencialização são fundamentais para combater o *cyberbullying*, promovendo uma cultura de respeito e empatia nas interações *online*. Políticas claras e eficazes nas instituições educativas e nas plataformas digitais também são essenciais para criar um ambiente seguro e de suporte para todos os utilizadores.

1.2 Dados Estatísticos no mundo e em Portugal

Nos Estados Unidos da América (EUA), segundo GilPress, num estudo feito em 2022, 64% dos jovens adultos (entre 18 e 29 anos) já se cruzaram com o *cyberbullying*; 36,5% dos indivíduos já foram vítimas de *bullying* em alguma circunstância da vida; 41% já sofreram algum tipo de assédio *online*; e 70% descreveram que alguém tentou divulgar boatos *online* sobre eles. Segundo este estudo, jovens vítimas de *cyberbullying* têm maior risco de autoagressão e comportamento suicida. A maior percentagem de *cyberbullying* acontece nas redes sociais, como é o caso das seguintes: o *Facebook* é a principal com 39%, seguido pelo *YouTube* com 29%. Outras redes sociais incluem o *Twitter* e o *Instagram*, ambas com 22%. Ainda segundo o mesmo estudo, apenas um em cada 10 jovens que sofrem *cyberbullying* contam aos seus pais ou adultos de confiança sobre o assédio que lhes é praticado.

Um estudo recente do Gabinete Regional da OMS para a Europa (2024) revela que um em cada seis jovens em idade escolar, em 44 países do continente Europeu, foi vítima de *cyberbullying* nos últimos anos. O estudo, que agrega dados de 2018 a 2022, indica que, embora o *bullying* tenha estabilizado, o *cyberbullying* aumentou, devido à crescente presença dos jovens no digital. A percentagem de jovens europeus vítimas de *cyberbullying* é de 15%, com taxas muito próximas entre os rapazes (15%) e as raparigas (16%). É possível observar, ainda, que cerca de 12% dos jovens, isto é, um em cada oito, afirmam terem praticado *cyberbullying*. Este estudo revela um aumento desde 2018, de 12% para 15% para rapazes e de 13% para 16% para raparigas.

Em Portugal, segundo as estatísticas da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), em 2020 houve 42 vítimas de *cyberbullying*, em 2021 existiram 67 vítimas e, em 2022, 118 vítimas, o que significa que existiu um acréscimo de mais de 181% de vitimização. Ainda segundo a APAV podemos observar que o perfil destas vítimas é feito pelas seguintes

características: 51,1% são do sexo feminino; 55,1% têm idades compreendidas entre os 11 e os 17 anos; 81,1% são de nacionalidade portuguesa; 17,2% frequentam o ensino básico (2º ciclo); 29,1% são do distrito de Lisboa; 62,6% das agressões são de colegas de escola e/ou de trabalho (APAV, 2023).

Caetano et al. (2021), desenvolveram um estudo com 3.525 adolescentes portugueses dos 6º, 8º e 11º anos de escolaridade, aos quais foi aplicado um questionário para avaliar a incidência do fenómeno do *cyberbullying* e o que desencadeia o mesmo. Os resultados revelaram que os agressores frequentemente justificam as suas ações com motivos hedonistas, como a brincadeira, diversão e fuga ao tédio. Esses motivos refletem uma procura por entretenimento e uma tentativa de aliviar o aborrecimento. Além disso, muitos agressores mencionam motivos de afiliação, como a aceitação dentro de um grupo social, ou motivos reativos, onde as ações são vistas como uma resposta a provocações ou ofensas recebidas. Por outro lado, as vítimas de *cyberbullying* atribuem aos seus agressores motivos que vão além da simples diversão. Elas frequentemente entendem que os ataques são desencadeados por motivos de inveja, imaturidade, ciúme, falta de respeito e sentimentos de superioridade. Além disso, as vítimas identificam uma falta de afeto nos agressores, sugerindo que esses comportamentos podem ser uma forma de compensar deficiências emocionais ou relacionais. Essa disparidade na percepção dos motivos entre agressores e vítimas evidencia a complexidade do *cyberbullying*. Para os agressores, as ações podem ser vistas como inofensivas ou justificadas por uma necessidade de retaliação. No entanto, para as vítimas, essas ações são percebidas como maliciosas e frequentemente ligadas a dinâmicas de poder e *status* social.

Segundo um estudo realizado pela *World Health Organization* (WHO) em Copenhaga, na Dinamarca a 27 de março de 2024, em média, 6% dos adolescentes praticam *bullying* na escola. Esse comportamento é mais prevalente entre os rapazes (8%) em comparação com as raparigas (5%); e cerca de 12% (1 em cada 8) dos adolescentes contam assim praticar *cyberbullying*. Os rapazes (14%) relatam mais comportamentos de *cyberbullying* do que raparigas (9%). Isso retrata um aumento desde 2018, com rapazes a aumentar 11% e as raparigas a 7%.

É essencial entender as diferentes motivações e percepções envolvidas no *cyberbullying* para desenvolver intervenções mais eficazes. Essas intervenções devem considerar tanto a perspetiva dos agressores quanto a das vítimas, abordando os aspetos cognitivos, emocionais, comportamentais e sociais que contribuem para o fenómeno. Este conhecimento é crucial para

criar estratégias de prevenção e suporte que possam reduzir a incidência de *cyberbullying* e mitigar os seus impactos negativos entre os jovens.

1.3 Enquadramento legal

O enquadramento legal do *cyberbullying* em Portugal não tem uma sustentação única e aborda diversas legislações de crimes cometidos nos meios digitais.

Existem várias disposições no Código Penal que podem ser aplicadas para sancionar estes comportamentos, como por exemplo: Artigo 180º, a difamação é o ato de atribuir a alguém, ainda que sob a forma de suspeita, um fato mesmo que seja real, que seja conveniente de ofender a sua honra; Artigo 181º, injuriar uma pessoa é o ato de imputar factos, mesmo que sejam verdadeiros, ou dirigir palavras ofensivas da sua honra; Artigo 153º, ameaçar alguém com a prática de um crime contra a vida, a integridade física, a liberdade sexual, pessoal, ou bens patrimoniais de valor elevado; Artigo 154º, coagir alguém por meio de violência ou ameaça de violência.

Já na Lei da Criminalidade Informática, no artigo 6º está inserido o acesso sem permissão a um sistema informático; no Artigo 7º, a interceção, sem permissão, de comunicações entre sistemas de computador; Artigo 12º, apagar, danificar, deteriorar, alterar e destruição de dados informáticos.

Já em Itália, a principal legislação que aborda o *cyberbullying* é a Lei n.º 71 de 29 de maio de 2017, intitulada “*Disposições a tutela dos menores para a prevenção e o combate ao fenómeno do cyberbullying*”. A sua aplicação nas escolas: Cada instituição escolar deve nomear um docente responsável por coordenar iniciativas de prevenção e combate ao *cyberbullying*, promovendo a educação para o uso consciente da internet e dos direitos e deveres associados às tecnologias digitais. Direito à remoção de conteúdos: Menores com mais de 14 anos, ou seus responsáveis legais, podem solicitar a remoção de conteúdos prejudiciais das plataformas online. Caso não haja resposta adequada em 48 horas, é possível recorrer ao Garante para a Proteção de Dados Pessoais. Plano de ação nacional: A lei prevê a criação de um plano de ação integrado, coordenado pelo Ministério da Educação, envolvendo diversos órgãos governamentais e organizações da sociedade civil, com o objetivo de monitorar e combater o *cyberbullying*.

CAPÍTULO 2. *Bullying* nas Redes Sociais

2.1 Redes Sociais

As redes sociais são plataformas digitais que simplificam a comunicação e a interação entre indivíduos, permitindo a partilha de informações, ideias e conteúdos multimédia em tempo real. Essas plataformas têm revolucionado a forma como as pessoas se conectam, promovendo a criação de sociedades virtuais com interesses em comum (Kaplan, & Haenlein, 2010). Além disso, as redes sociais desempenham um papel crucial na divulgação de notícias e na mobilização social, influenciando comportamentos e opiniões em escala global (Boyd, & Ellison, 2007). O acesso fácil, a rapidez e o grande alcance a nível do público marcam esta forma de participação social virtual (Ponte et al., 2022). A literatura tem evidenciado que estas práticas digitais podem ser positivas, contudo, também podem ser negativas (Staksrud, 2009), sendo que esta apreciação depende dos atores sociais intervenientes e de uma ampla diversidade de fatores envolventes (Baldry et al., 2018; McCuddy, 2021).

Segundo Ponte et al. (2022), nos últimos anos, o uso de redes sociais por parte das crianças e jovens cresceu em Portugal, mais particularmente entre os mais novos, com idades abaixo dos 13 anos, idade limite mínima indicada para acesso a diferentes redes (Ponte, & Baptista, 2019). Comparativamente com outros países europeus, os jovens portugueses estão entre os que mais usam as redes sociais, mais concretamente, o *YouTube*, o *WhatsApp* e o *Instagram* (Carvalho, & Marôpo, 2020).

Os dados do *Health Behaviour in School-aged Children em Portugal HBSC/PT/Comportamento Saudável em Crianças em Idade Escolar em Portugal (HBSC/PT, 2018)* sobre o papel das redes sociais no quotidiano dos jovens inquiridos relatam que: 26% dos jovens tentaram estar menos tempo nas redes sociais mas que não conseguiram; 20,9% sentiram-se mal quando não podiam utilizá-las; e 20% referiram que frequentemente não conseguiam pensar noutra coisa que não voltar a usá-las. Cerca de metade indicou passar duas ou mais horas por dia nas redes sociais (Matos, & Equipa Aventura Social, 2018).

O estudo *EU Kids Online* (Ponte, & Baptista, 2019) revela que, em Portugal cerca de um quarto da população que participou na pesquisa (23%) viveu, no ano anterior ao estudo, situações na internet que o/a incomodaram/perturbaram. O *bullying* (24%) foi uma das situações mais mencionadas, predominando o *cyberbullying* relativamente ao cara-a-cara.

Efetivamente, as redes sociais têm revolucionado a forma como as pessoas se conectam e interagem, especialmente entre estudantes universitários, que as utilizam tanto para fins académicos como sociais (Junco, 2012). Essas plataformas oferecem um espaço para a

colaboração em projetos, troca de conhecimentos relevantes e suporte entre colegas, além de promoverem um senso de sociedade e pertença (Tess, 2013). No entanto, o uso exagerado pode distrair e impactar negativamente no desempenho académico dos estudantes (Kirschner, & Karpinski, 2010).

As redes sociais são centrais na vida quotidiana dos jovens, oferecendo inúmeras oportunidades para dinâmicas sociais que se desdobram simultaneamente em vários lugares, possibilitadas pelo *offline-online* providenciado pela internet. A descoberta da sexualidade e dos relacionamentos íntimos é um aspeto central das práticas digitais dos jovens, enraizada na constante reafirmação do "Eu" dentro das complexas relações com os outros (Carvalho, 2020).

Os jovens negociam constantemente os limites entre as esferas pública e privada das suas vidas nas redes sociais, decidindo como se apresentar e se revelar aos outros utilizadores. Às vezes, fazem isso de forma inesperada ou sob o véu do anonimato digital. A lacuna da literacia informacional e tecnológica entre gerações faz com que os pais subestimem o envolvimento de seus filhos em comportamentos *online* arriscados e agressivos e as suas experiências problemáticas. O tempo que os jovens passam nas redes sociais pode ser uma maneira de reivindicar um espaço privado que não encontram em outros lugares. Para muitos, as redes sociais são um meio de inclusão social, e o medo de perder algo e ser excluído é real, mesmo quando as relações estabelecidas são superficiais (Carvalho, 2020).

Em suma, as redes sociais não são apenas plataformas de conexão social, mas também ambientes onde os jovens moldam as suas identidades, enfrentam desafios e, muitas vezes, expõem-se a riscos, refletindo a complexidade das interações e dos impactos dessas ferramentas digitais na vida contemporânea dos adolescentes (Carvalho, 2020).

2.2 *Bullying* nas redes sociais

Segundo Mascheroni et al., em 2020, as crianças e os jovens de hoje estão cada vez mais *online*, em idades mais baixas e usam mais dispositivos pessoais móveis, num duplo papel de produtores e consumidores de conteúdos digitais. O estar *online* pode “*tornar-se uma ameaça e oferecer riscos à saúde quando se extrapolam os limites entre o real e o virtual, entre o público e o privado, entre o que é legal ou ilegal, entre o que é informação ou exploração, entre a intimidade e a distorção dos fatos ou imagens “reais”*” (Eisenstein, 2013, p. 61).

É nas redes sociais, que os jovens negociam os domínios privado e público da sua vida e decidem como se querem mostrar e revelar-se aos outros utilizadores (Stern, 2008). Muito frequentemente, fazem-no de forma irrefletida e/ou impulsiva sem elaborar ou antecipar as

consequências. Noutras ocasiões, escondem-se no anonimato que o digital lhes pode proporcionar.

Nas sociedades contemporâneas o envolvimento dos jovens nas redes sociais (e.g., *Facebook, WhatsApp, Instagram, Snapchat, Twitter, Telegram, Wechat, YouTube, TikTok*) tem assim sido uma evidência. Esta realidade tem originado por parte da comunidade civil em geral e da comunidade científica em particular múltiplos questionamentos sobre potenciais efeitos multiplicadores de riscos e oportunidades para práticas de agressão. O *cyberbullying, sexting, sextortion, flaming, happy slapping* ou *cyberstalking* são terminologias que entraram no quotidiano e reportam-se a ações ofensivas em ambientes digitais cujos autores e vítimas são frequentemente jovens. A mediatização dos casos é viral, ocorrendo à escala global, e a preocupação social sobre esta temática intensifica-se (Baldry et al., 2018).

De acordo com Carvalho (2020), o envolvimento intenso dos jovens nas redes sociais levanta questões sobre os efeitos multiplicadores dos riscos e oportunidades para práticas delinquentes. Termos como *sexting, cyberbullying, sextortion, flaming, happy slapping e cyberstalking* tornaram-se comuns, descrevendo ações ilícitas em ambientes digitais, onde os perpetradores e vítimas são frequentemente jovens. A cobertura mediática desses casos é viral, aumentando a preocupação social sobre o tema.

As transformações no contexto de controlo social informal, como a família e a escola, são contrastadas pelas expectativas crescentes das comunidades em relação aos mecanismos de controlo social formal, como os tribunais, que exigem uma regulação mais rigorosa do comportamento dos jovens. Isso leva a tendências punitivas em resposta à delinquência juvenil em alguns países. A juventude atual, que nunca conheceu um mundo sem internet, está cada vez mais *online* em idades precoces, utilizando dispositivos móveis pessoais tanto como criadores quanto consumidores de conteúdo digital (Carvalho, 2020).

2.2.1. *Bullying* nas redes sociais nos estudantes universitários

O avanço das redes sociais trouxe inúmeras vantagens, como a conectividade e o acesso rápido a informações, mas também amplificou problemas como o *bullying*, especialmente entre os jovens universitários. O *bullying* nas redes sociais, também conhecido como *cyberbullying*, é uma forma de agressão psicológica que ocorre em plataformas digitais, onde comentários ofensivos, humilhações públicas e até ameaças podem ser feitos de forma anónima ou visível, impactando significativamente a vida de suas vítimas. Segundo Belsey (2004), o *cyberbullying*

é uma nova forma de violência que afeta pessoas em ambientes digitais, criando um espaço de intimidação contínua e muitas vezes invisível.

Estudantes universitários, embora mais maduros que adolescentes, também são alvos frequentes de *cyberbullying*. Esse comportamento pode ser motivado por questões académicas, pressões sociais ou até mesmo diferenças de opinião que, no ambiente *online*, ganham proporções maiores. Patchin e Hinduja (2015) destacam que as redes sociais funcionam como amplificadores de agressões, pois aumentam o alcance e a intensidade dos ataques, permitindo que um comentário ou imagem ofensiva seja compartilhado rapidamente e visualizado por um público extenso. Esse tipo de *bullying* afeta diretamente a saúde mental dos estudantes, resultando em problemas como ansiedade, depressão, baixa autoestima e até pensamentos suicidas em casos extremos (Smith et al., 2008).

As consequências do *bullying* nas redes sociais são ainda mais profundas quando consideramos o impacto na vida académica dos estudantes. Jovens que sofrem com o *cyberbullying* frequentemente enfrentam dificuldades para se concentrar nos estudos, o que leva a uma diminuição de desempenho e, em alguns casos, ao abandono universitário. A sensação de isolamento e vergonha impede que muitos procurem ajuda, agravando ainda mais o impacto deste tipo de violência (Tokunaga, 2010).

É essencial que universidades e plataformas de redes sociais se envolvam ativamente para combater o *bullying online*. Algumas estratégias incluem campanhas de conscientização sobre os perigos do *cyberbullying*, apoio psicológico para vítimas e políticas de tolerância zero que incentivem a denúncia de casos. Além disso, os próprios estudantes podem contribuir para um ambiente digital mais seguro, ao promover atitudes de respeito e compreensão nas redes, mostrando solidariedade para com aqueles que sofrem com esse tipo de abuso. Hinduja e Patchin (2008) sugerem que o desenvolvimento de um ambiente *online* saudável depende não apenas de políticas de prevenção, mas também de um compromisso coletivo em promover a empatia e o respeito nas interações digitais.

PARTE II. ESTUDO EMPIRICO

CAPÍTULO 3. OBJETIVOS

3.1. Pertinência da investigação

A investigação sobre *cyberbullying* é extremamente relevante e necessária, dadas as suas consequências profundas e de longo alcance na vida das pessoas, especialmente dos jovens. São vários os fatores que tornam esta investigação crucial, tais como: o impacto na saúde mental e física, sendo a pesquisa essencial para ajudar a quantificar este impacto e apoiar no desenvolvimento de intervenções; a prevalência e o crescimento para se criar políticas e programas preventivos; a evolução das tecnologias de forma a identificar novas tendências e desafios, adaptando as estratégias de prevenção e intervenção conforme necessário; políticas e intervenções de forma a que se crie leis específicas, diretivas escolares e programas de consciencialização pública; e a educação e consciencialização de forma a educar pais, educadores, jovens e até a sociedade em geral acerca desta violência.

A investigação sobre *bullying* nas redes sociais é fundamental para entender este fenómeno, as suas causas, consequências e como combatê-lo de maneira eficaz. Com as redes sociais a serem uma constante crescente digital na vida dos jovens, torna-se fundamental para garantir ambientes no mundo *online* mais seguros.

3.2. Objetivos da investigação

A investigação tem múltiplos objetivos, desde a definição da prevalência do *bullying* nas redes sociais, ao papel da resiliência e das características sociodemográficas no fenómeno.

3.2.1. Objetivos gerais e específicos

Objetivo Geral 1: Conhecer a prevalência de *bullying* nas redes sociais em estudantes universitários

Objetivo Específico 1.1: Conhecer, junto dos estudantes universitários, a percentagem de indivíduos que nunca foi vítima de *bullying* nas redes sociais

Objetivo Específico 1.2: Conhecer, junto dos estudantes universitários, a percentagem de indivíduos que foi vítima de *bullying* nas redes sociais

Objetivo Específico 1.3: Conhecer, junto dos estudantes universitários, a percentagem de indivíduos que foi agressor de *bullying* nas redes sociais

Objetivo Específico 1.4: Conhecer, junto dos estudantes universitários, a percentagem de indivíduos que foi vítima e agressor de *bullying* nas redes sociais

Objetivo Geral 2: Caracterizar os estudantes universitários vítimas de *bullying* nas redes sociais

Objetivo Específico 2.1: Conhecer, junto dos estudantes universitários vítimas de *bullying* nas redes sociais, a frequência da vitimação

Objetivo Específico 2.2: Conhecer, junto dos estudantes universitários vítimas de *bullying* nas redes sociais, a forma como se sentem

Objetivo Específico 2.3: Conhecer, junto dos estudantes universitários vítimas de *bullying* nas redes sociais, a relação/conhecimento que tem com o/do agressor

Objetivo Específico 2.4: Conhecer, junto dos estudantes universitários vítimas de *bullying* nas redes sociais, a perceção de quem pratica o ato de agressão

Objetivo Específico 2.5: Conhecer, junto dos estudantes universitários vítimas de *bullying* nas redes sociais, o tempo de duração do ato de agressão

Objetivo Específico 2.6: Conhecer, junto dos estudantes universitários vítimas de *bullying* nas redes sociais, o comportamento que teve perante o ato de agressão

Objetivo Específico 2.7: Conhecer, junto dos estudantes universitários vítimas de *bullying* nas redes sociais, quais as redes sociais que o(s) agressor(es) utilizou(aram) para promover o ato de agressão

Objetivo Geral 3: Caracterizar os estudantes universitários promotores de *bullying* nas redes sociais

Objetivo Específico 3.1: Conhecer, junto dos estudantes universitários promotores de *bullying* nas redes sociais, a frequência do comportamento de agressão

Objetivo Específico 3.2: Conhecer, junto dos estudantes universitários promotores de *bullying* nas redes sociais, a forma como se sentem

Objetivo Específico 3.3: Conhecer, junto dos estudantes universitários promotores de *bullying* nas redes sociais, a perceção que tem do impacto do seu comportamento na forma de sentir da vítima

Objetivo Específico 3.4: Conhecer, junto dos estudantes universitários promotores de *bullying* nas redes sociais, a relação/conhecimento que tem com a/da vítima

Objetivo Específico 3.5: Conhecer, junto dos estudantes universitários promotores de *bullying* nas redes sociais, o(s) indivíduo(s) alvo do seu comportamento

Objetivo Específico 3.6: Conhecer, junto dos estudantes universitários promotores de *bullying* nas redes sociais, o tempo de duração dos seus atos de agressão

Objetivo Específico 3.7: Conhecer, junto dos estudantes universitários promotores de *bullying* nas redes sociais, quais as redes sociais que utilizou para promover o(s) ato(s) de agressão

Objetivo Geral 4: Caracterizar os estudantes universitários vítimas e promotores de *bullying* nas redes sociais

Objetivo Específico 4.1: Conhecer, junto dos estudantes universitários vítimas e promotores de *bullying* nas redes sociais, a frequência do comportamento de agressão

Objetivo Específico 4.2: Conhecer, junto dos estudantes universitários vítimas e promotores de *bullying* nas redes sociais, a forma como se sentem

Objetivo Específico 4.3: Conhecer, junto dos estudantes universitários vítimas e promotores de *bullying* nas redes sociais, a perceção que tem do impacto do seu comportamento na forma de sentir da vítima

Objetivo Específico 4.4: Conhecer, junto dos estudantes universitários vítimas e promotores de *bullying* nas redes sociais, a relação/conhecimento que tem com a/da vítima

Objetivo Específico 4.5: Conhecer, junto dos estudantes universitários vítimas e promotores de *bullying* nas redes sociais, o(s) indivíduo(s) alvo do seu comportamento

Objetivo Específico 4.6: Conhecer, junto dos estudantes universitários vítimas e promotores de *bullying* nas redes sociais, o tempo de duração dos seus atos de agressão

Objetivo Específico 4.7: Conhecer, junto dos estudantes universitários vítimas e promotores de *bullying* nas redes sociais, quais as redes sociais que utilizou para promover o(s) ato(s) de agressão

Objetivo Geral 5: Avaliar a relação entre resiliência e *bullying* nas redes sociais junto dos estudantes universitários.

Objetivo Específico 5.1: Analisar se os estudantes universitários promotores de *cyberbullying* possuem maior resiliência de *coping* do que os estudantes universitários vítimas de *bullying* nas redes sociais.

Objetivo Geral 6: Conhecer se as características sociodemográficas dos estudantes universitários retratam diferentes envolvimento face ao agressor/vítima de *bullying* nas redes sociais.

Objetivo Específico 6.1: Conhecer se o sexo dos estudantes universitários retrata diferentes envolvimento face a agressor/vítima de *bullying* nas redes sociais.

Objetivo Específico 6.2: Conhecer se a idade dos estudantes universitários retrata diferentes envolvimento face a agressor/vítima de *bullying* nas redes sociais.

Objetivo Específico 6.3: Conhecer se a situação amorosa dos estudantes universitários retrata diferentes envolvimento face a agressor/vítima de *bullying* nas redes sociais.

Objetivo Específico 6.4: Conhecer se a situação/condição de residência dos estudantes universitários retrata diferentes envolvimento face a agressor/vítima de *bullying* nas redes sociais.

Objetivo Específico 6.5: Conhecer se a região de residência dos estudantes universitários retrata diferentes envolvimento face a agressor/vítima de *bullying* nas redes sociais.

Objetivo Específico 6.6: Conhecer se a área de estudo frequentada pelos estudantes universitários retrata diferentes envolvimento face a agressor/vítima de *bullying* nas redes sociais.

Objetivo Específico 6.7: Conhecer se o ano curricular dos estudantes universitários retratam diferentes envolvimento face a agressor/vítima de *bullying* nas redes sociais.

CAPÍTULO 4. METODOLOGIA

4.1. Desenho da investigação/Descrição de Variáveis

É um estudo quantitativo, descritivo-comparativo.

Os objetivos gerais 1 (Conhecer a prevalência de *bullying* nas redes sociais em estudantes universitários), 2 (Caracterizar os estudantes universitários vítimas de *bullying* nas redes sociais), 3 (Caracterizar os estudantes universitários promotores de *bullying* nas redes sociais) e 4 (Caracterizar os estudantes universitários vítimas e promotores de *bullying* nas redes sociais) são descritivos.

Já o objetivo geral 5 (Avaliar a relação entre resiliência e *bullying* nas redes sociais junto dos estudantes universitários), é comparativo, sendo a variável dependente o resultado da resiliência e a variável independente o grupo de pertença (agressor, vítima ou vítima e agressor).

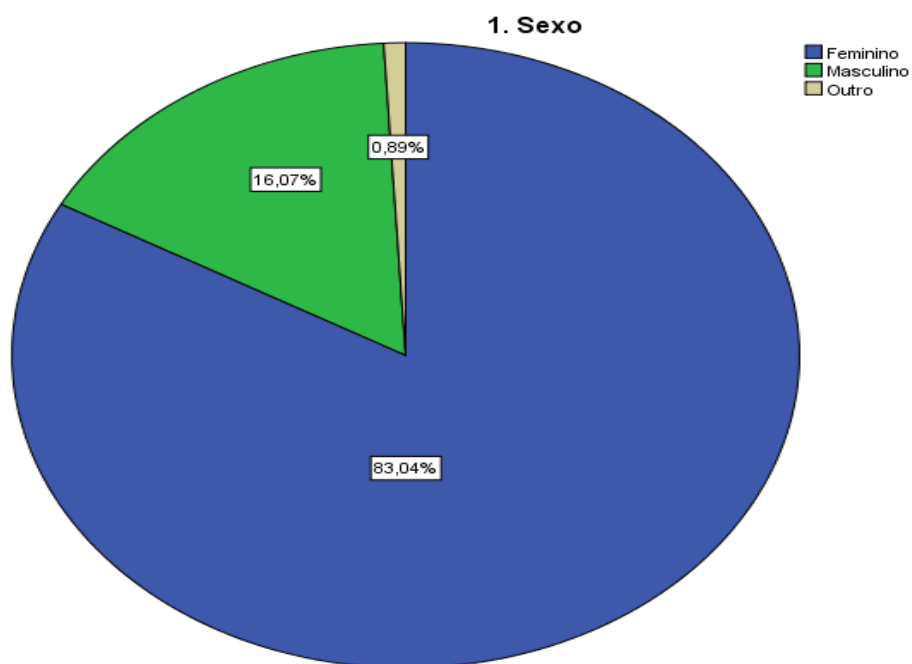
O objetivo geral 6 (Conhecer se as características sociodemográficas dos estudantes universitários retratam diferentes envolvimento face ao agressor/vítima de *bullying* nas redes sociais) também é comparativo, sendo a variável dependente o comportamento de agressor, vítima ou vítima e agressor e as variáveis independentes são o sexo; idade; a situação amorosa; a situação/condição de residência; a região de residência; área de estudo; e o ano curricular.

Os critérios de inclusão foram estudantes universitários a frequentar qualquer um do nível de ensino (licenciatura, mestrado ou doutoramento) em território português.

4.3. Participantes/População e Amostra

A amostra da investigação é constituída por 224 estudantes universitários. Destes, 186 (83%) são do género feminino, 36 (16,1%) masculino e 2 (0,9%) identificaram-se com ‘outro’ género (Ver Gráfico 1).

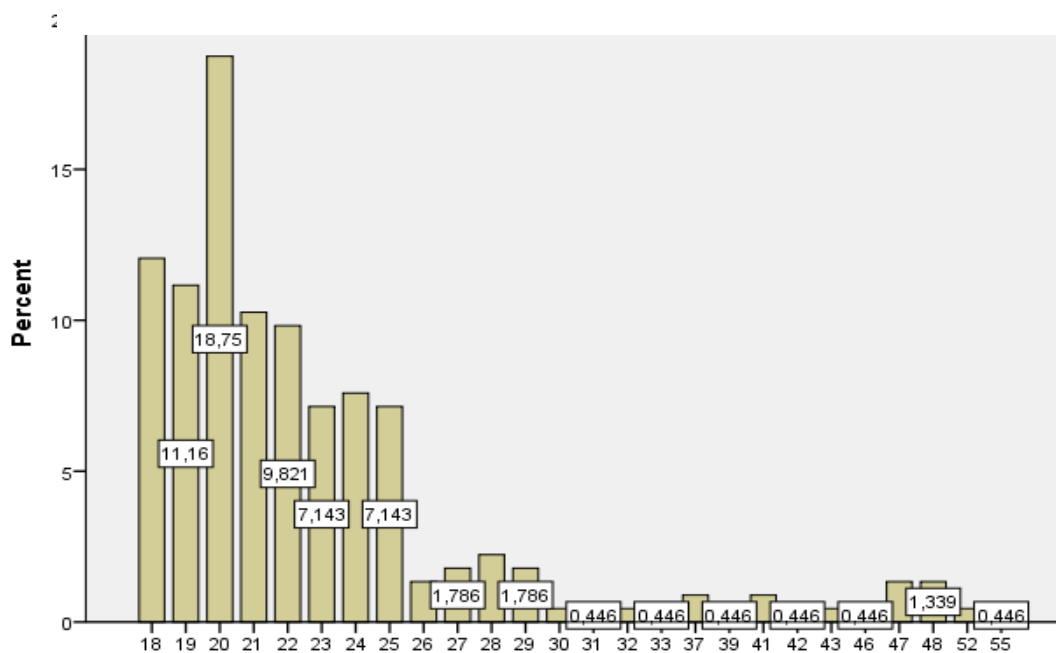
Gráfico 1. Caracterização da Amostra por Género



Fonte: Elaboração própria

A média de idades da amostra é de 23,35 (DP=6,81), sendo que o mais novo tem 18 anos e o mais velho 55 anos (Ver Gráfico 2). A maioria dos jovens, 42 (18,8%) têm 20 anos, 27 (12,1%) têm 18 anos, 25 (11,2%) têm 19 anos e 23 (10,3%) têm 21 anos (Ver Gráfico 2).

Gráfico 2. Caracterização da Amostra por Idade



Fonte: Elaboração própria

No que concerne à situação amorosa, 101 (45,1%) dos jovens encontram-se sem relação amorosa e 123 (54,9%) verbalizam encontrar-se em relação amorosa (Ver Gráfico 3).

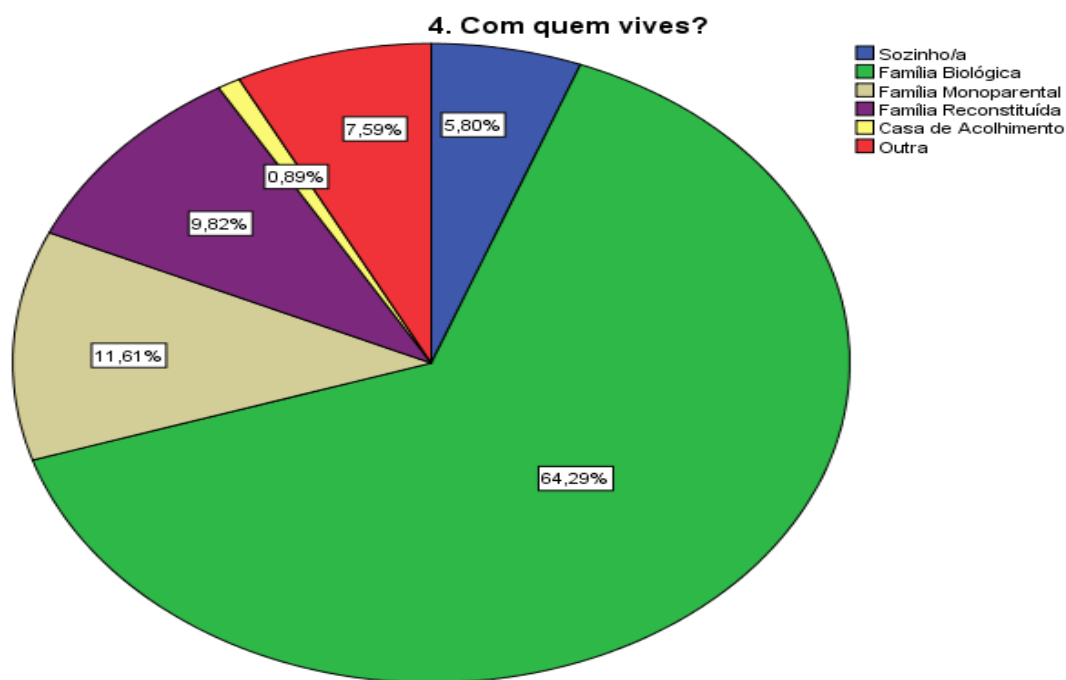
Gráfico 3. Caracterização da Amostra por Situação Amorosa



Fonte: Elaboração própria

No que diz respeito à situação de residência dos estudantes, 144 (64,3%) dos jovens vive com a família biológica, 26 (11,6%) vive com uma família monoparental, 22 (9,8%) vive com uma família reconstituída, 13 (5,8%) vive sozinho/a, dois (0,9%) vive numa casa de acolhimento e 17 (7,6%) apresenta outra situação de residência (Ver Gráfico 4).

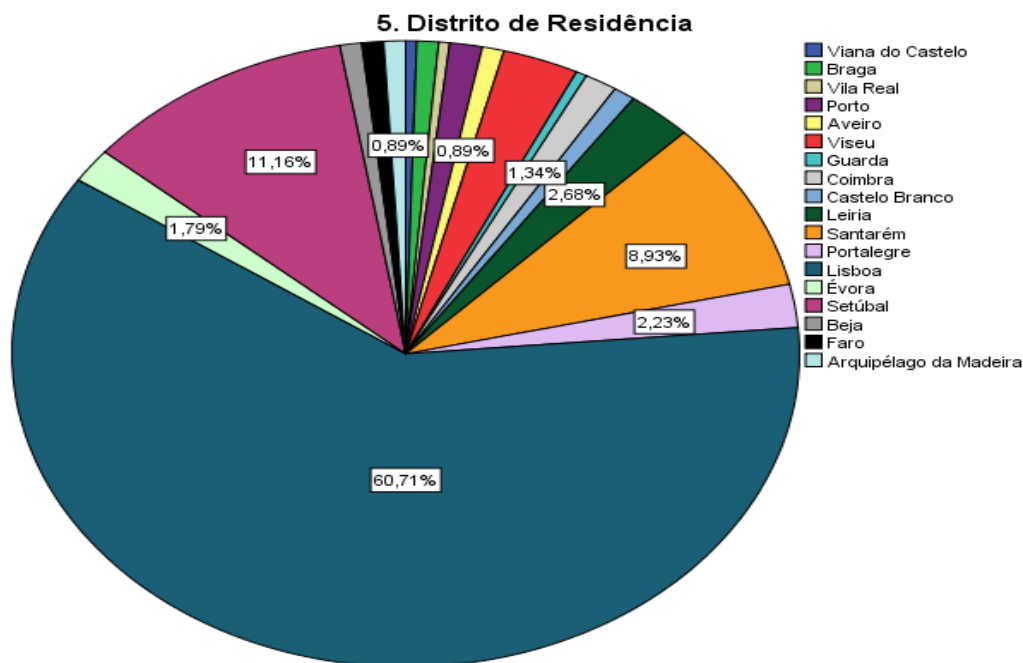
Gráfico 4. Caracterização da Amostra por Situação de Residência



Fonte: Elaboração própria

No que concerne ao distrito de residência, podemos verificar que dos 224 inquiridos, 136 (60,7%) residem em Lisboa; 25 (11,2%) em Setúbal; 20 (8,9%) em Santarém; sete (3,1%) em Viseu; seis (2,7%) em Leiria; cinco (2,2%) em Portalegre; quatro (1,8%) em Évora; três (1,3%) em Coimbra e no Porto; dois (0,9%) em Braga, Aveiro, Castelo Branco, Beja, Faro e Arquipélago da Madeira; e um (0,4%) Viana do Castelo, Vila Real e Guarda (Ver Gráfico 5).

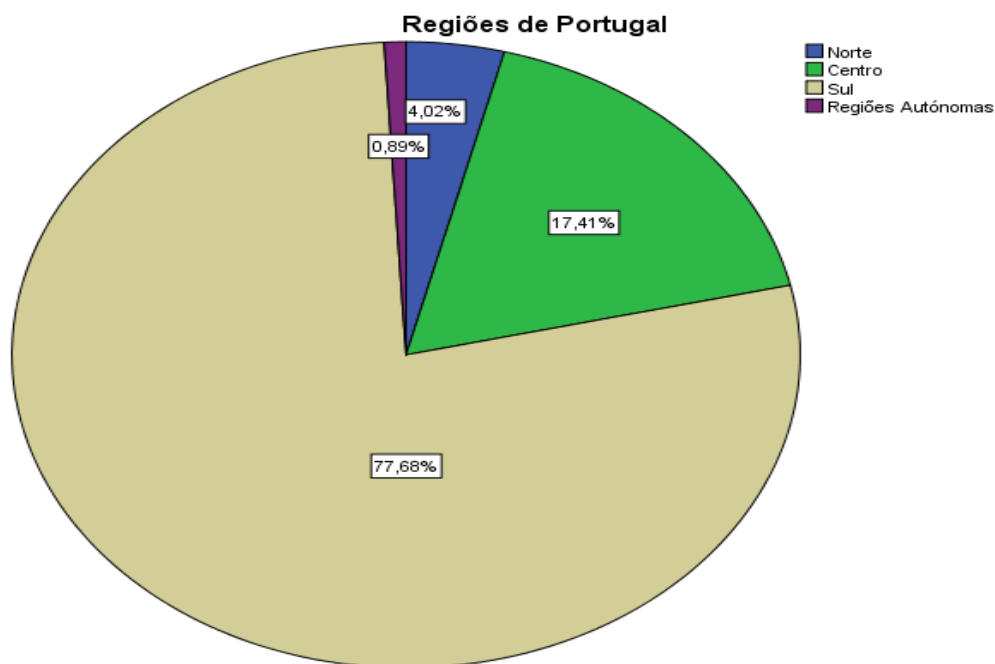
Gráfico 5. Caracterização da Amostra por Distrito e Região de residência



Fonte: Elaboração própria

De uma forma mais global, podemos verificar que 77,7% (n=174) residem no Sul do país, 17,4% (n=39) no Centro, 4% (n=9) no Norte e 0,9% (n=2) residem nas Regiões Autónomas (Ver Gráfico 6).

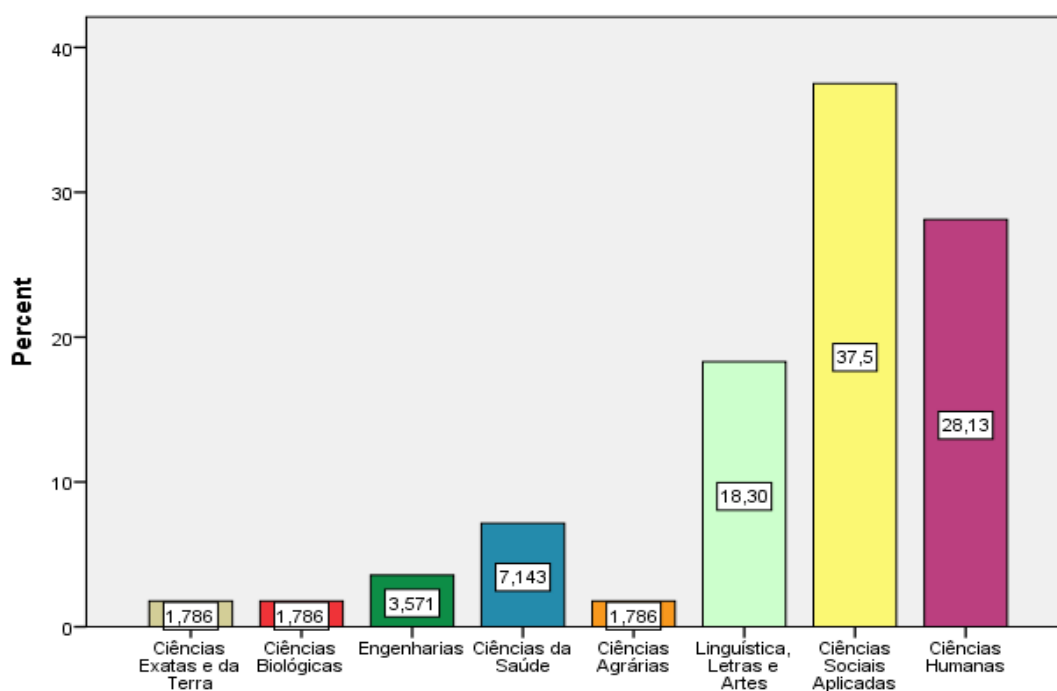
Gráfico 6. Caracterização da Amostra por Região de Residência



Fonte: Elaboração própria

Quanto à área de estudo predominante da amostra, 84 (37,5%) é de Ciências Sociais Aplicadas, 63 (28,1%) de Ciências Humanas, 41 (18,3%) da Linguística, Letras e Artes, 16 (7,1%) das Ciências da Saúde, oito (3,6%) das Engenharias e por fim com quatro inquiridos (1,8%) seguem-se as Ciências Exatas e da Terra, as Ciências Biológicas e as Ciências Agrárias (Ver Gráfico 7).

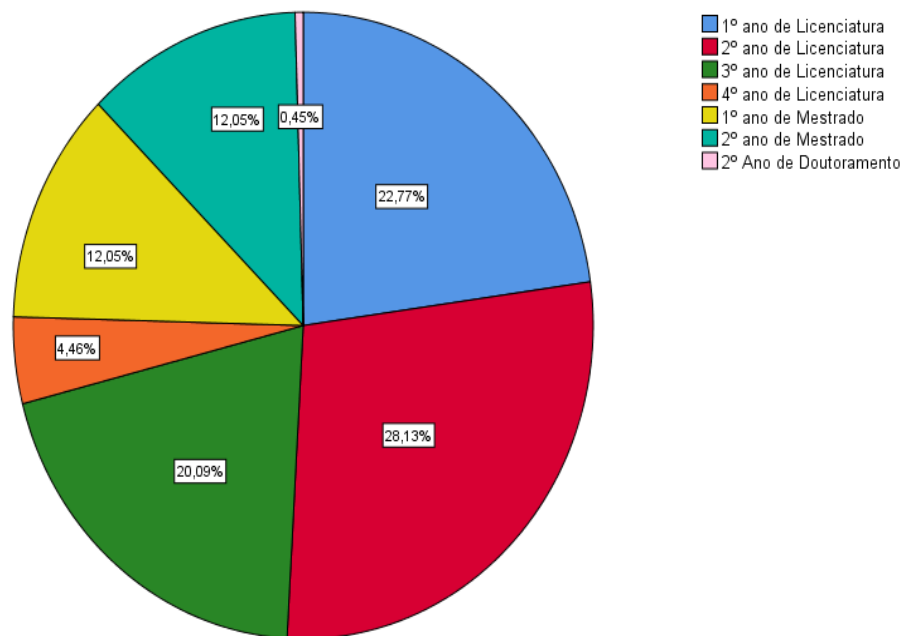
Gráfico 7. Caracterização da Área de Estudo



Fonte: Elaboração própria

A maioria frequenta o 2º ano de licenciatura (n=63; 28,1%), 51(22,8%) frequentam o 1º ano de licenciatura, 45 (20,1%) o 3º ano, 27 (12,1%) frequentam o 1º ano de mestrado, 27 (12,1%) frequentam o 2º ano de mestrado, dez (4,5%) frequentam o 4º ano de licenciatura e um (0,4%) frequenta o 2º ano de doutoramento (Ver Gráfico 8).

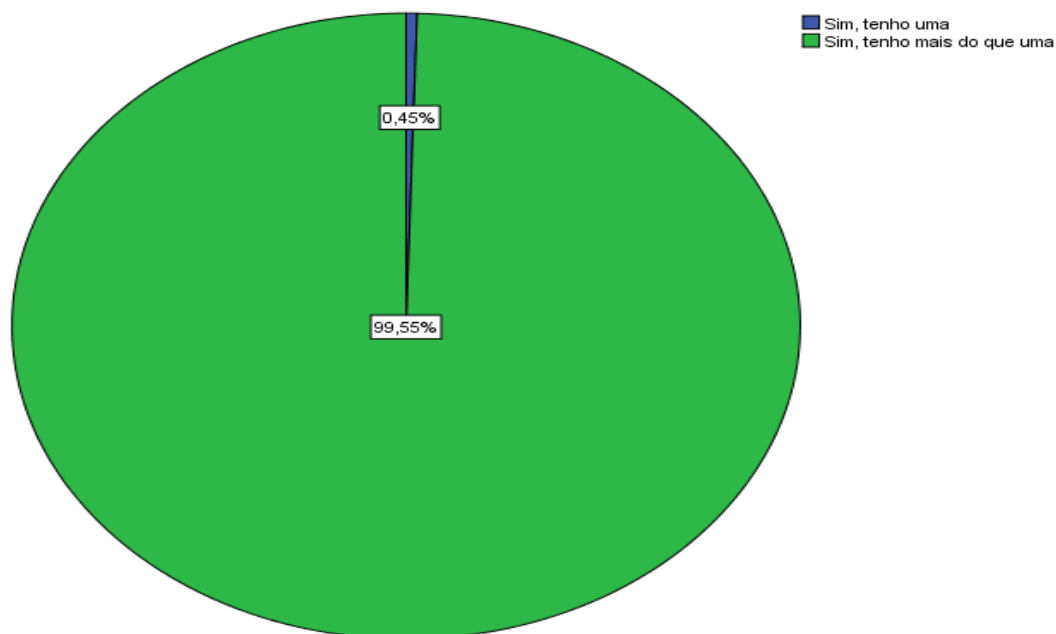
Gráfico 8. Caracterização do ano de frequência académica da amostra



Fonte: Elaboração própria

Quanto à utilização de redes sociais por parte da amostra, podemos verificar que 223 (99,6%) dos inquiridos tem mais do que uma rede social e que apenas 1 (0,4%) tem apenas uma única rede social (Ver Gráfico 9).

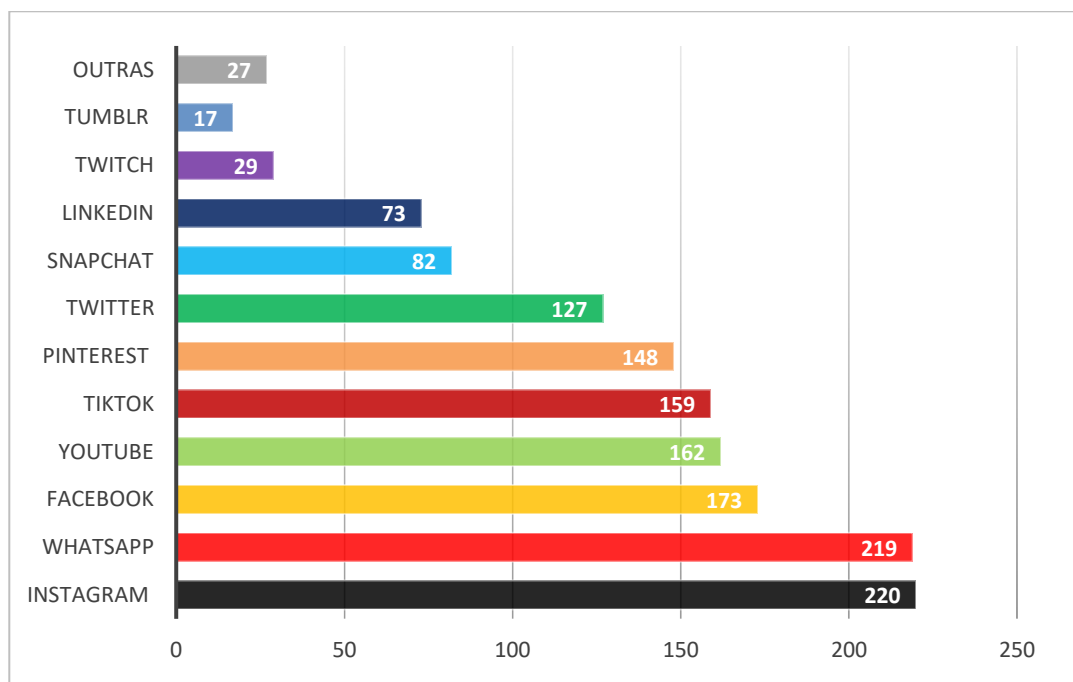
Gráfico 9. Caracterização da utilização das redes sociais por parte da amostra



Fonte: Elaboração própria

Relativamente à utilização das redes sociais, 220 (98,2%) tem *Instagram*, 219 (97,8%) tem *WhatsApp*, 173 indivíduos (77,2%) tem *Facebook*, 162 (72,3%) tem *YouTube*, 159 (71%) tem *TikTok*, 148 (66,1%) tem *Pinterest*, 127 (56,7%) tem *Twitter*, 82 (36,6%) tem *SnapChat*, 73 (32,6%) tem *LinkedIn*, 29 (12,9%) tem *Twitch*, 17 (7,6%) tem *Tumblr* e 27 (12,1%) utilizam outros(as) (Ver Gráfico 10).

Gráfico 10. Caracterização da utilização das Redes Sociais por parte da amostra



Fonte: Elaboração própria

4.4 Instrumentos de Avaliação

Os instrumentos usados para a realização deste estudo foram:

Dados Sociodemográficos

Por forma a caracterizar socio demograficamente os estudantes, nesta primeira parte do inquérito foram colocadas nove questões enquadradas na revisão bibliográfica e resultantes dos objetivos de estudo, mais concretamente (Ver Apêndice I): Sexo (feminino; masculino; outro); Idade (variável escalar); Situação amorosa (sem/com relação); Com quem vive (sozinho/a; família biológica; família monoparental; família reconstituída; casa de acolhimento; ou outra); Distrito de residência; Área de estudo (Ciências Exatas e da Terra; Ciências Biológicas; Engenharias; Ciências da Saúde; Ciências Agrárias; Linguística, Letras e Artes; Ciências Sociais Aplicadas; ou Ciências Humanas); Ano Curricular (de licenciatura; mestrado ou de doutoramento); Se tem rede(s) social(ais) (Não, não tenho; Sim, tenho uma; ou Sim, tenho mais do que uma); e, por último, Se tem rede(s) social(is), identificar qual(ais)s tem, podendo nesta questão o estudante assinalar mais do que uma resposta (*Facebook; YouTube; WhatsApp; Instagram; LinkedIn; Pinterest; Twitter; Snapchat; Tumblr; Twitch; TikTok; Outra(s); ou Nenhuma*)

Bullying nas Redes Sociais

Instrumento desenvolvido por Smith et al. (2008) e por Ortega et al. (2007), traduzida e aferida para Portugal por Bento (2011) e adaptada pela mestrandia, Maria João Lourenço, em 2023 (Ver Apêndice II). É um instrumento de autoaplicação e tem um tempo de aplicação total de aproximadamente 20 minutos. Pretende auscultar se o estudante já foi vítima e/ou já praticou *cyberbullying* através das redes sociais, ou seja, se já o provocaram/provocou, o insultaram/insultou, o excluíram/excluí ou o ameaçaram/ameaçou. Começa por apresentar a definição: “O *Bullying* nas redes sociais (*Cyberbullying nas redes sociais*) é um tipo de comportamento agressivo de abuso de poder que ocorre através do uso de meios tecnológicos, com o objetivo de assediar, ameaçar ou intimidar alguém através das redes sociais.”. Seguidamente são apresentadas 15 perguntas, mais concretamente, “1. Alguma vez foste alvo/promoveste, através de redes sociais, comportamentos de assédio persistente com recurso a meios eletrónicos?”, com a possibilidade de resposta 1|Nunca promovi e nunca fui alvo; 2|Nunca promovi e já fui alvo; 3|Já promovi e nunca fui alvo ou 4|Já promovi e já fui alvo; “2.

Quantas vezes foste vítima de *cyberbullying* através das redes sociais?” e “3. Quantas vezes cometeste atos de *cyberbullying* contra outras pessoas através das redes sociais?”, ambas com a possibilidade de resposta 1|Nenhuma, isso nunca aconteceu; 2|Apenas uma ou duas vezes; 3|Uma vez por semana; ou 4|Várias vezes por semana; “4. Como te sentes quando sofres de *cyberbullying* através das redes sociais?”, tendo o participante a possibilidade de assinalar uma ou mais das seguintes opções: 1|Sinto-me triste; 2|Sinto-me mal; 3|Sinto-me irritado/a; 4|Sinto que ninguém me pode ajudar; 5|Sinto-me sozinho/a, isolado/a; 6|Isso não me afeta, logo, não sinto nada; 7|Preocupa-me o que possam pensar ou dizer sobre mim; e 8|Nunca me aconteceu; “5. Como te sentes quando praticas atos de *cyberbullying* através das redes sociais?”, com 11 possibilidades de resposta, podendo o participante escolher todas aquelas com que se identifica: 1|Sinto-me triste; 2|Sinto-me feliz; 3|Sinto-me mal; 4|Sinto-me bem; 5|Sinto-me irritado/a; 6|Sinto-me aliviado/a; 7|Sinto-me indefeso/a; 8|Sinto-me com poder; 9|Sinto-me sozinho/a; 10|Sinto que estou a interagir; e 11|Não sinto nada porque não o faço; “6. Como achas que se sente a pessoa a quem tu praticas atos de *cyberbullying* através das redes sociais?”, podendo o participante optar por uma ou várias das seguintes respostas: 1|Sente-se triste; 2|Sente-se mal; 3|Sente-se irritado/a; 4|Sente-se indefeso/a; 5|Sente-se sozinho/a, isolado/a; 6|Isso não a afeta, não sente nada; 7|Preocupa-se com o que os outros possam pensar dela; e 8|Não pratico *cyberbullying*; “7. Em que turma está a(s) pessoa(s) que comete(m) atos de *cyberbullying* contra ti, usando as redes sociais? “, e “8. Em que turma está(ão) a(s) pessoa(s) a quem praticas atos de *cyberbullying*, usando as redes sociais? “, tendo como alternativas para as duas questões: 1|Não sou vítima de *cyberbullying*/1|Não pratico *cyberbullying*; 2|Na minha turma; 3|Noutra turma, mas no mesmo ano que eu; 4|Noutro ano, diferente do meu; 5|Não é da minha faculdade; e 6|Não sei quem é a pessoa a quem pratico *cyberbullying*/6|Não sei quem é a pessoa a quem pratico *cyberbullying*; “9. Quem é que pratica *cyberbullying* contra ti, através da(s) rede(s) social(is)? “ e “10. A quem é que praticas *cyberbullying*, através da(s) rede(s) social(is)?“, podendo identificar nestas duas questões: 1|Principalmente uma rapariga; 2|Principalmente um rapaz; 3|Um grupo de raparigas; 4|Um grupo de rapazes; 5|Um grupo de raparigas e de rapazes; e 6|Não sou vítima de *cyberbullying*; “11. Quanto tempo duraram (ou duram) as práticas de *cyberbullying* contra ti, através das redes sociais?“, e “12. Quanto tempo duraram (duram) as tuas praticas de *cyberbullying* contra os outros?”, em ambas podendo escolher: 1|Nunca fui vítima de *cyberbullying*/Nunca pratiquei *cyberbullying*; 2|Duraram mais de um ano; 3|Duraram mais de seis meses; 4|Duraram duas ou três semanas; 5|Durara m uma semana ou menos; e 6|Ainda duram; “13. O que fizeste quando cometeram atos

de *cyberbullying* contra ti através das redes sociais?”, podendo assinalar mais do que uma resposta: 1|Nada, nunca me aconteceu isso; 2|Chorei; 3|Disse à pessoa que parasse, também através das redes sociais; 4|Contei aos meus amigos/colegas; 5|Contei aos meus pais/parceiro/a; 6|Contei a um professor; 7|Tentei fazer o mesmo que essa pessoa me fez a mim; 8|Bloqueei a(s) pessoa(s); 9|Ignorei o que se passava; 10|Fechei o programa/janela e continuei a fazer outras coisas no computador/telemóvel; 11|Apresentei queixa nas redes sociais; 12|Apresentei queixa na polícia/guarda; e 13|Outra; “14. Qual(ais) a(s) rede(s) social(is) que utilizam para cometerem atos de *cyberbullying* contra ti? e “15. Qual(ais) a(s) rede(s) social(is) que utilizas para cometer atos de *cyberbullying* contra os outros?”, podendo nestas duas últimas questões escolher mais do que uma resposta: 1|Facebook; 2|Youtube; 3|WhatsApp; 4|Instagram; 5|LinkedIn; 6|Pinterest; 7|Twitter; 8|SnapChat; 9|Tumblr; 10|Twitch; 11|TikTok; 12|Outra(s); 13|Não sou vítima de *cyberbullying*/13|Não cometo atos de *cyberbullying*.

Escala Breve de *Coping Resiliente* (EBCR)

Escala de autorresposta desenvolvido por Sinclair e Wallston (2004), traduzida e aferida para Portugal por Ribeiro e Morais (2010) (Ver Apêndice III).

É unidimensional, constituída por quatro itens que têm como objetivo conhecer a capacidade do indivíduo para lidar com o *stress* de uma forma adaptativa. A resposta aos itens é em formato tipo *Likert*, com cinco pontos: 1|Quase nunca, 2|Ocasionalmente, 3|Muitas vezes, 4|Com muita frequência e 5|Quase sempre. Não existem itens com cotação invertida. A capacidade para lidar com o *stress* de forma adaptativa varia entre 4 e 20 pontos, sendo que, de acordo com Ribeiro e Morais (2010), sujeitos com uma pontuação inferior a 13 apresentam uma resiliência baixa e superior a 17 uma resiliência forte.

4.5. Procedimento

De forma a ser conseguida a estratégia metodológica, o estudo teve em conta determinados procedimentos éticos prévios, essenciais em todo o processo metodológico, antes e durante o trabalho empírico. Assim, foi apresentado a proposta do tema ao Conselho Científico do Instituto de Serviço Social da Universidade Lusófona de Lisboa e após a aprovação do mesmo começou a procura de informações sobre a revisão da literatura. Após a revisão da literatura foram selecionados os instrumentos e elaborado o questionário no *google forms*.

A seguir foi colocado e disponibilizado na internet (https://docs.google.com/forms/d/1JtnIQxFCBr3xK7ENj03jMVTgLPI5WFer5_0oVGRoU/edit). Esteve *online* de 9 de fevereiro de 2023 a 23 de agosto de 2023. Foi feita a divulgação, através do envio de *emails* para todas as associações académicas das universidades e politécnicos portugueses. Foi também partilhado o *link* através de diferentes redes sociais, como o Instagram, o Facebook e o WhatsApp. Por fim, foi promovida a análise de dados obtidos através das respostas ao questionário e promovida a sua discussão.

4.6. Análise Estatística

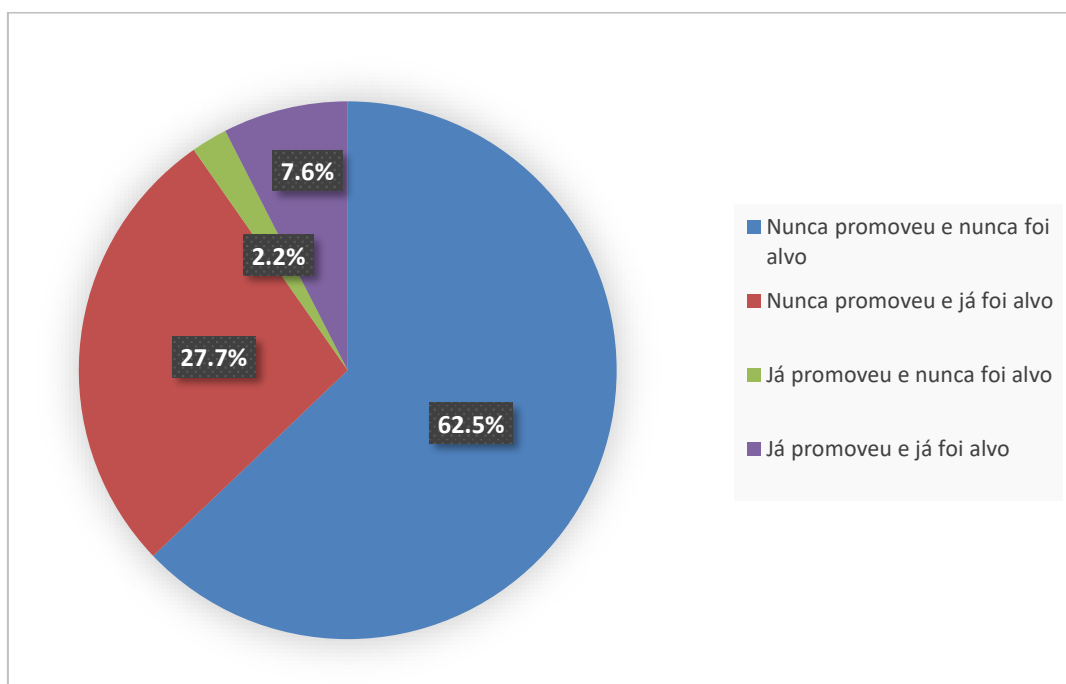
Foi construída uma base de dados no programa informático SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 28.0 de 2021 para Windows (*International Business Machines* [IBM], 2021).

CAPÍTULO 5. RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentados e analisados os resultados da investigação, em consonância com os objetivos.

No que concerne ao objetivo geral 1, conhecer a prevalência de *bullying* nas redes sociais em estudantes universitários, mais concretamente, conhecer a percentagem de indivíduos que nunca foi vítima de *bullying*, que foi vítima de *bullying*, que foi agressor de *bullying* e que foi vítima e agressor de *bullying* nas redes sociais, verificamos, através da análise da pergunta “Alguma vez foste alvo/promoveste através de redes sociais, comportamentos de assédio persistente com recurso a meios eletrónicos?”, que 62,5% (n=140) nunca promoveu e nunca foi alvo de comportamentos de assédio com recurso a meios eletrónicos; 27,7% nunca promoveu e já foi alvo, o que significa que 62 estudantes universitários se percecionam como vítimas; 2,2% já promoveu e nunca foi alvo, o que evidencia que cinco estudantes se percecionam como agressores e 7,6% já promoveu e já foi alvo, ou seja, 17 estudantes universitários percecionam-se tanto como vítimas como agressores (Ver Gráfico 11).

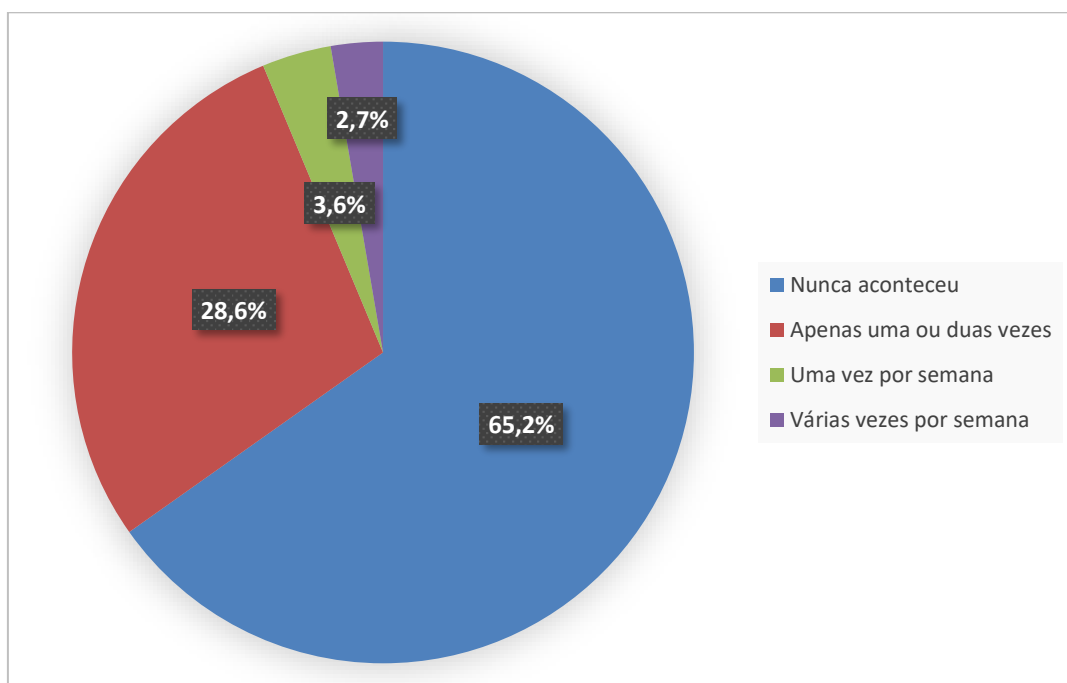
Gráfico 11. Caracterização da prevalência de bullying nas redes sociais em estudantes universitários



Fonte: Elaboração própria

Quanto ao objetivo Geral 2, caracterizar os estudantes universitários vítimas de *bullying* nas redes sociais, mais especificamente a frequência da vitimação (OE2.1), verificamos, através da análise da pergunta “Quantas vezes foste vítima de *cyberbullying* através das redes sociais?” que 146 (65,2%) dos inquiridos responderam que nunca aconteceu, 64 (28,6%) responderam apenas uma ou duas vezes, 8 (3,6%) responderam uma vez por semana e 6 (2,7%) responderam que foram alvo várias vezes por semana (Ver Gráfico 12).

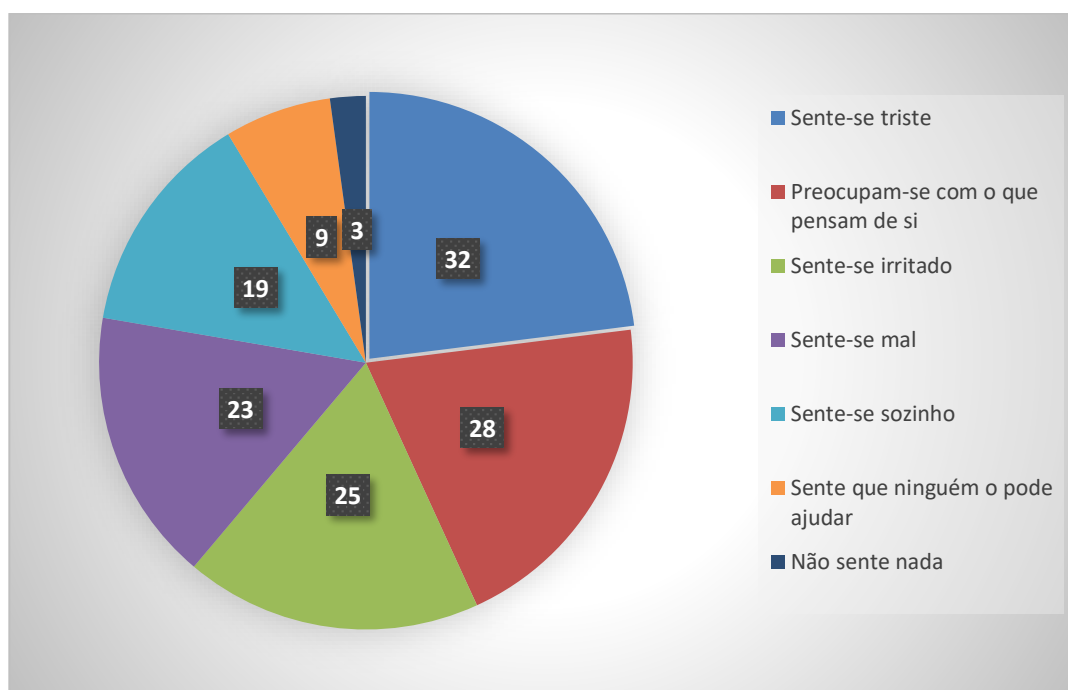
Gráfico 12. Caracterização da frequência de vitimação de bullying nas redes sociais



Fonte: Elaboração própria

No que diz respeito à forma como se sentem enquanto vítimas (OE2.2), avaliado através da pergunta “Como te sentes quando sofres de *cyberbullying* através das redes sociais?”, dos 62 jovens (100%) que se identificaram como vítimas, através de respostas dicotómicas (Sim/Não) a diversos parâmetros, 32 (51,6%) dos jovens sentem-se tristes; 28 (45,2%) preocupam-se com o que possam pensar ou dizer sobre eles mesmos; 25 (40,3%) sentem-se irritados/as; 23 (37,1%) sentem-se mal; 19 (30,6%) sentem-se sozinhos/as e/ou isolados/as; nove (14,5%) sentem que ninguém o pode ajudar e por último três (4,8%) não sentem nada (Ver Gráfico 13).

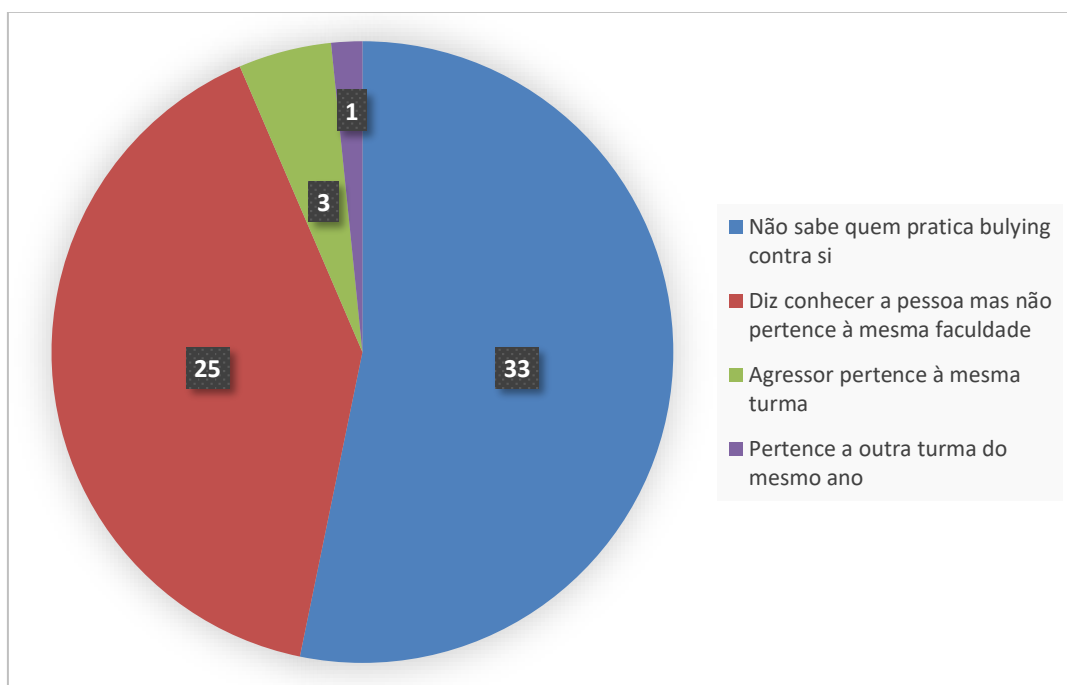
Gráfico 13. Caracterização da forma como se sentem as vítimas de bullying nas redes sociais



Fonte: Elaboração própria

No que diz respeito à relação/conhecimento que tem com o/do agressor enquanto vítima (OE2.3), avaliado através da pergunta “Em que turma está(ão) a(s) pessoa(s) que comete(m) atos de *cyberbullying* contra ti, usando as redes sociais?”; dos 62 estudantes que se identificaram como vítimas, 33 (53,2%) refere que não sabe quem pratica *cyberbullying* contra si, 25 (40,3%) diz conhecer a pessoa mas não ser da mesma faculdade; três (4,8%) diz que o agressor está na mesma turma do inquirido e um (1,6%) diz estar noutra turma mas no mesmo ano que o inquirido (Ver Gráfico 14).

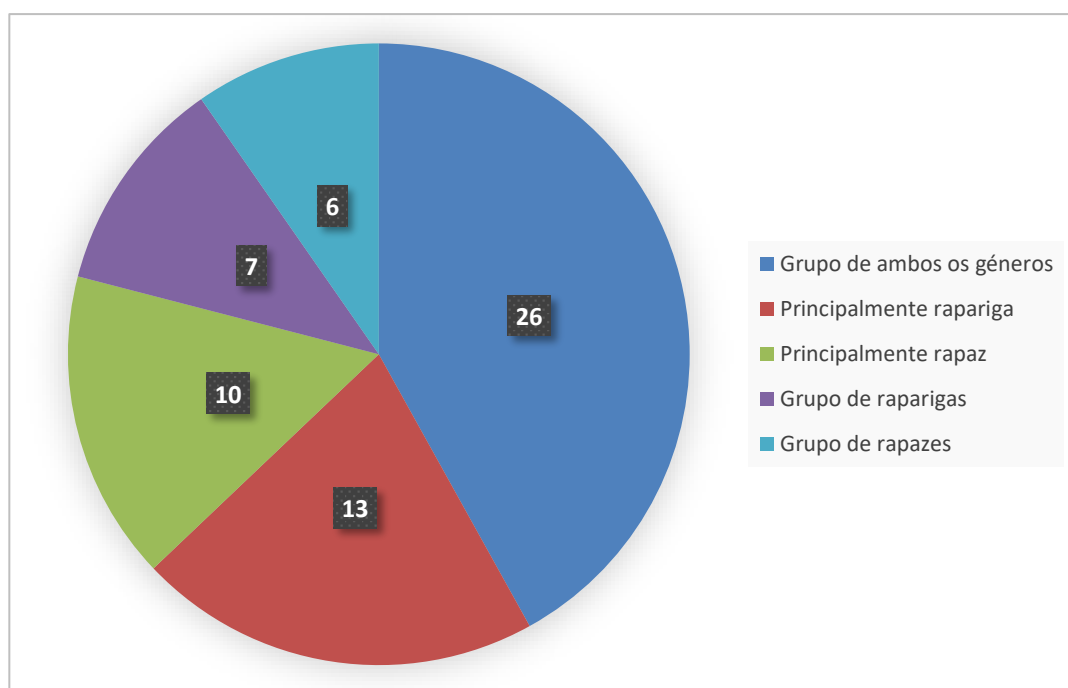
Gráfico 14. Em que turma está(ão) a(s) pessoa(s) que comete(m) atos de cyberbullying usando as redes sociais



Fonte: Elaboração própria

Quanto à a perceção de quem pratica o ato de agressão, na perspetiva do jovem que se identifica como vítima (OE2.4), avaliado pela pergunta “Quem é que pratica *cyberbullying* contra ti, através da(s) rede(s) social(is)?”, dos 62 estudantes que se identificam como vítimas, 26 (41,9%) diz ser um grupo de ambos os géneros; 13 (21%) diz ser principalmente uma rapariga; 10 (16,1%) diz ser principalmente um rapaz; sete (11,3%) diz ser um grupo de raparigas; e seis (9,7%) diz ser um grupo de rapazes (Ver Gráfico 15).

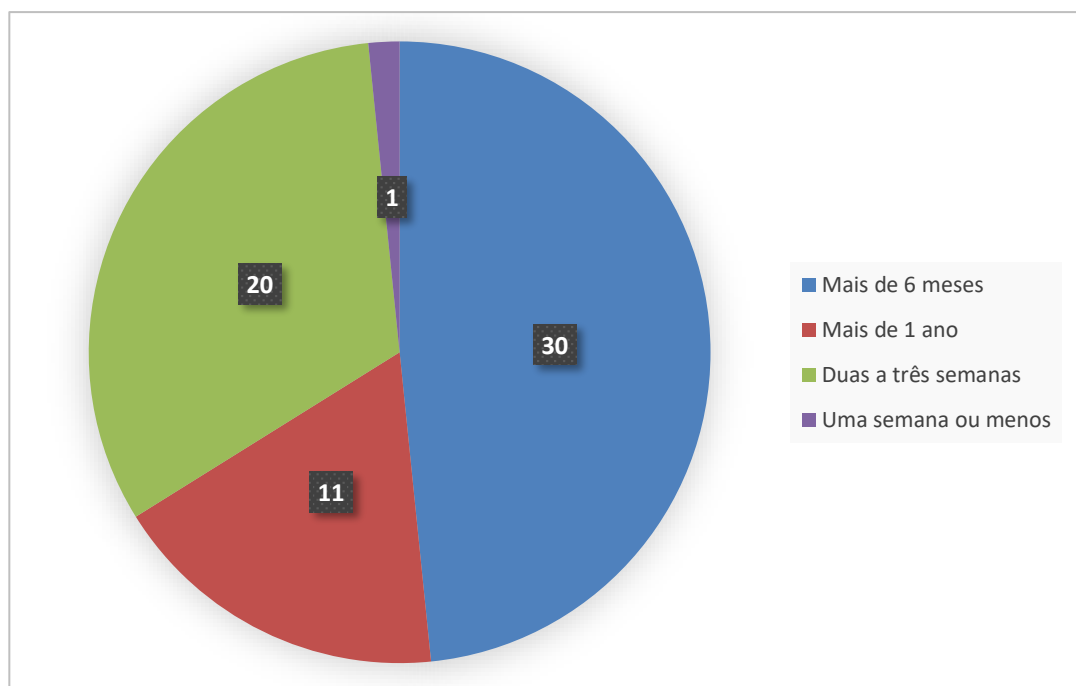
Gráfico 15. Quem é que pratica cyberbullying contra a vítima, através da(s) rede(s) social(is)



Fonte: Elaboração própria

No que concerne à percepção do tempo que duraram (ou duram) as práticas de *cyberbullying* contra o próprio, na perspetiva do jovem que se identifica como vítima (OE2.5), avaliado pela pergunta “Quanto tempo duraram (ou duram) as práticas de *cyberbullying* contra ti, através das redes sociais?”, dos 62 estudantes que se identificam como vítimas, 30 (48,4%) referem que duraram mais de seis meses, 11 (17,7%) mais de um ano, 20 (32,3%) duas a três semanas e um estudante (1,6%), refere que durou uma semana ou menos (Ver Gráfico 16).

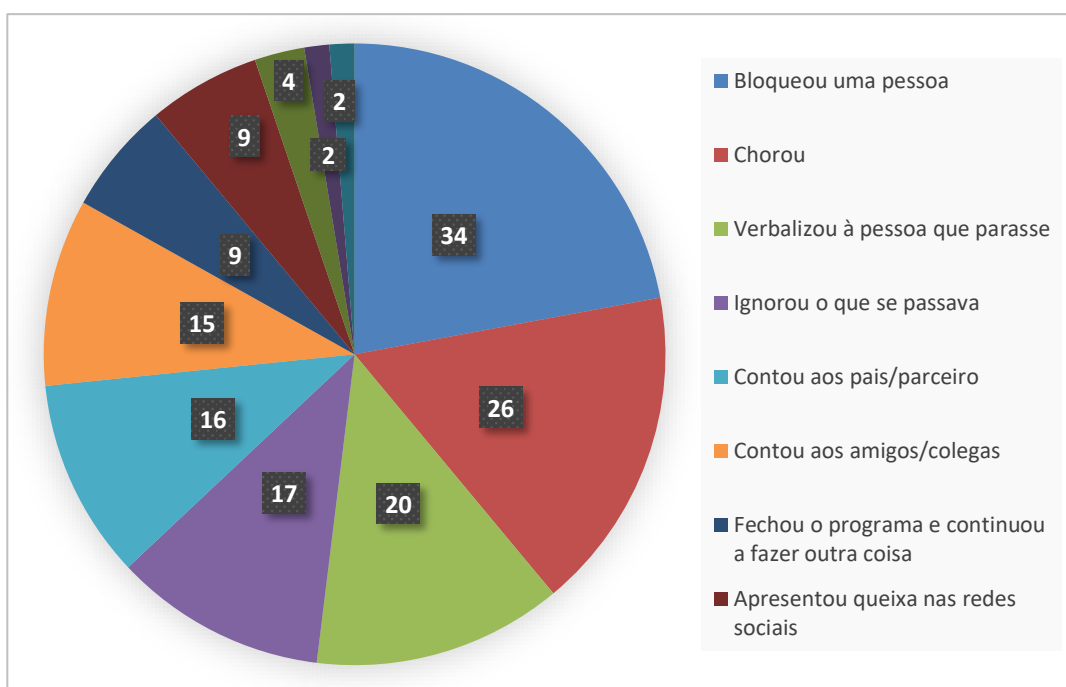
Gráfico 16. A percepção do tempo que duram as práticas de cyberbullying



Fonte: Elaboração própria

Quanto ao comportamento que a vítima teve perante o ato de agressão (OE2.6), avaliado por diversas perguntas com resposta dicotómica (Sim/Não), dos 62 estudantes que se identificam como vítimas, 34 (54,8%) refere que bloqueou a(s) pessoa(s); 26 (41,9%) que chorou, 20 (32,3%), verbaliza que disse à pessoa que parasse, também através das redes sociais; 17 (27,4%), verbaliza que ignorou o que se passava; 16 (25,8%), refere que contou aos pais/parceiro/a; 15 (24,2%), contou aos amigos/colegas; 9 (14,5%), verbaliza que fechou o programa/janela e continuou a fazer outra coisa no computador/telemóvel; nove (14,5%) verbaliza que apresentou queixa nas redes sociais; quatro (6,5%) partilham que contaram a um professor; dois (3,2%) informam que apresentaram queixa na polícia/guarda; dois (3,2%) partilham que recorreram a outra situação e nenhum (0%) tentou fazer o mesmo que essa pessoa lhe fez (Ver Gráfico 17).

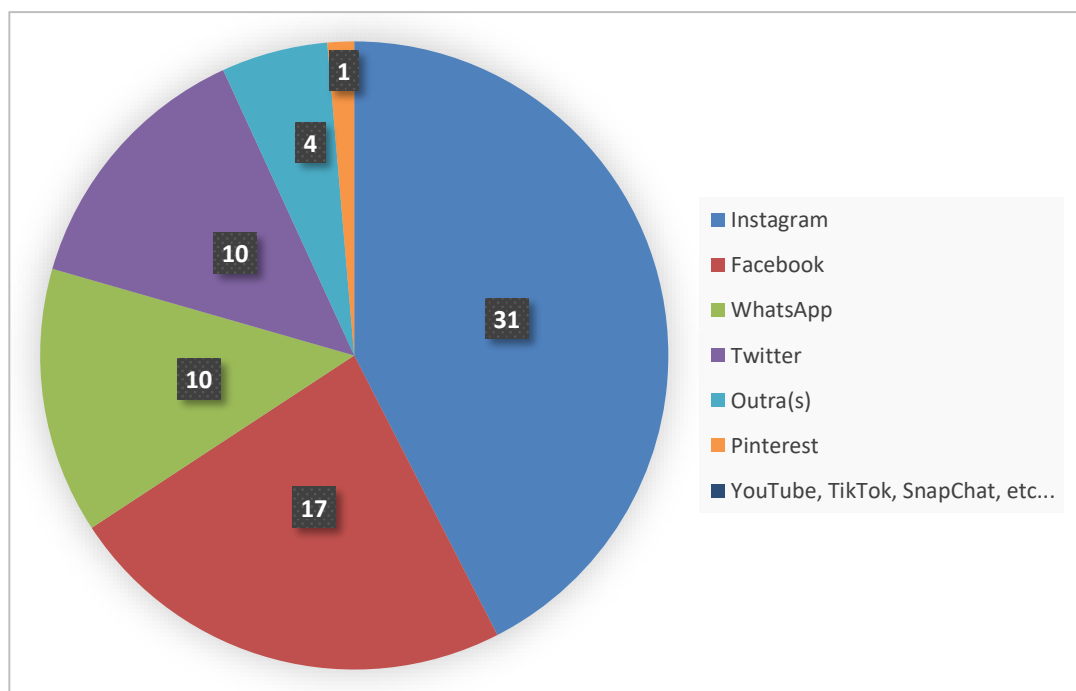
Gráfico 17. Comportamento que a vítima teve perante o ato de agressão



Fonte: Elaboração própria

Quanto à identificação das redes sociais, na perspetiva das vítimas, que o(s) agressor(es) utilizou(aram) para promover o ato de agressão (OE2.7), avaliado por distintas perguntas com resposta dicotómica (Sim/Não), dos 62 estudantes que se identificam como vítimas, 31 (50%) identificam o *Instagram*; 17 (27,4%) o *Facebook*; 10 (16,1%) o *WhatsApp*; 10 (16,1%) o *Twitter*, 4 (6,5%) referem Outra(s); um (1,6%) identifica o *Pinterest* e nenhum (0%) identificou o *YouTube*, *TikTok*, *SnapChat*, *LinkedIn*, *Twitch* e *Tumblr* (Ver Gráfico 18).

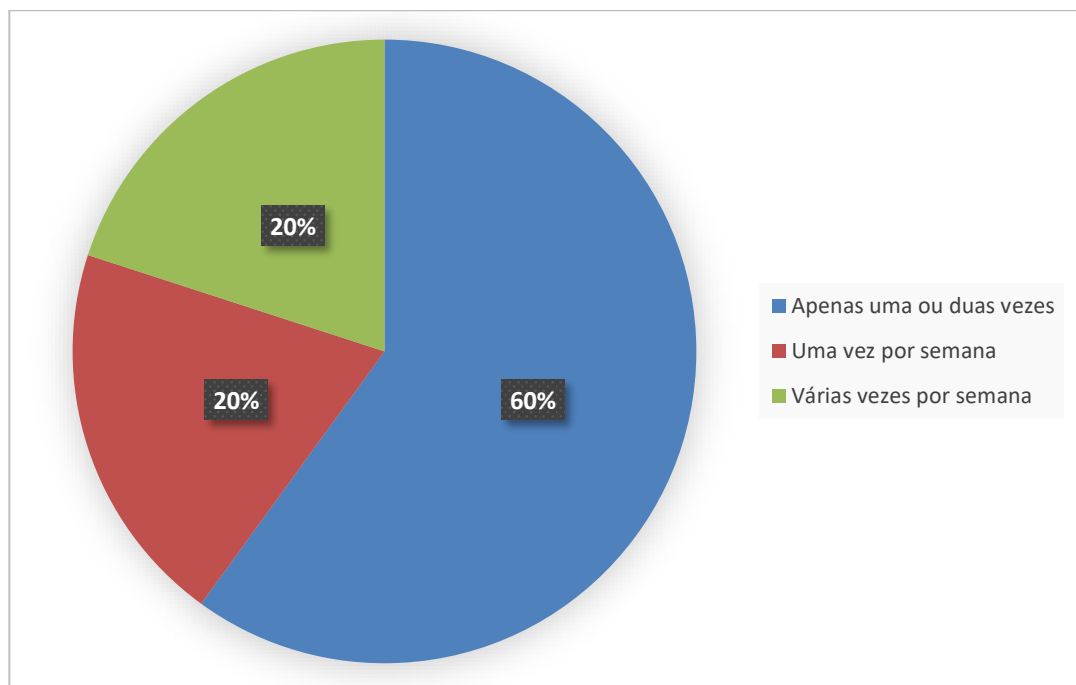
Gráfico 18. Redes sociais utilizadas para cometer a agressão



Fonte: Elaboração própria

Quanto ao objetivo Geral 3, caracterizar os estudantes universitários promotores de *bullying* nas redes sociais, mais especificamente a frequência da agressão (OE3.1), avaliado pela pergunta “Quantas vezes cometeste atos de *cyberbullying* contra outras pessoas através das redes sociais?”, dos cinco estudantes que se percebem como agressores três (60%) dizem ter acontecido apenas uma ou duas vezes; um (20%) diz ter acontecido uma vez por semana e um (20%) diz ter acontecido várias vezes por semana (Ver Gráfico 19).

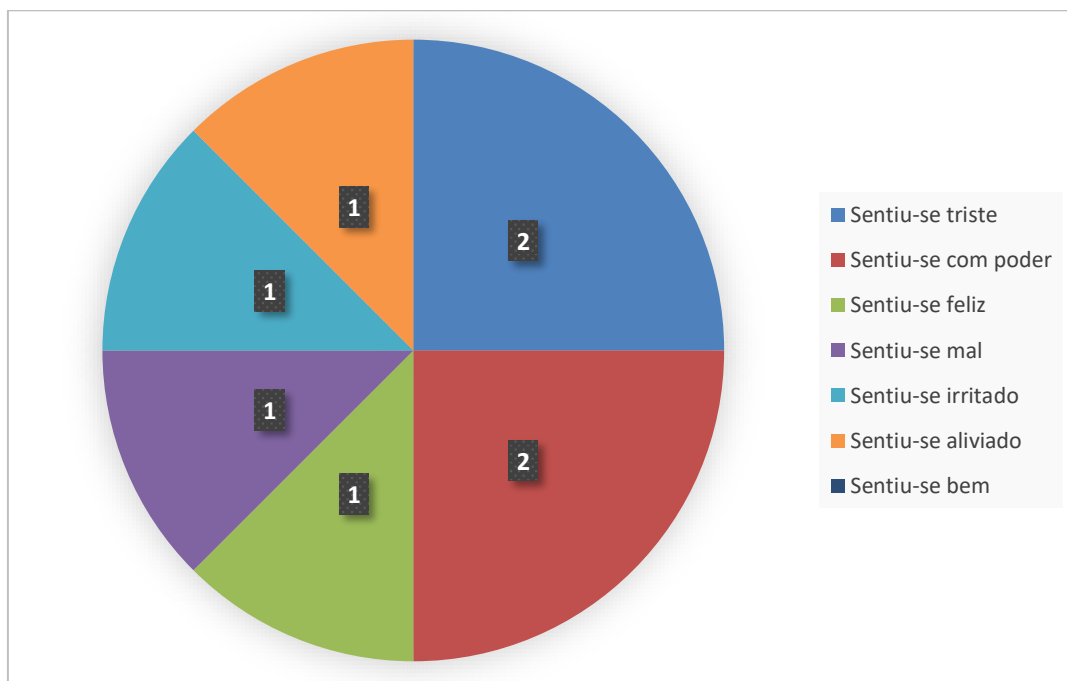
Gráfico 19. Frequência da agressão



Fonte: Elaboração própria

No que diz respeito à forma como se sentem enquanto agressores (OE3.2), avaliado através da pergunta “Conhecer, junto dos estudantes universitários promotores de *bullying* nas redes sociais, a forma como se sentem?”, dos cinco jovens (100%) que se identificaram como agressores, através de respostas dicotómicas (Sim/Não) a diversos parâmetros, dois (40%) sentiram-se tristes, dois (40%) sentiram-se com poder, um (20%) sentiu-se feliz, um (20%) sentiu-se mal, um (20%) sentiu-se irritado, um (20%) sentiu-se aliviado e nenhum (0%) se sentiu bem, indefeso, sozinho/a ou que estava a interagir (Ver Gráfico 20).

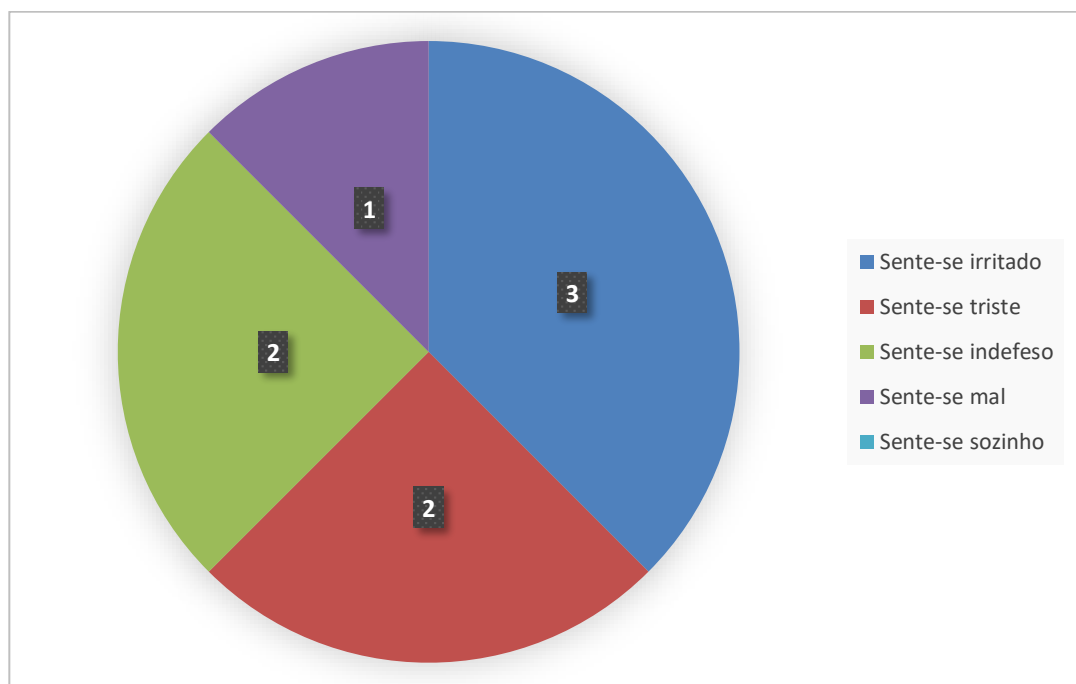
Gráfico 20. Como se sentem os agressores



Fonte: Elaboração própria

Quanto à forma como os estudantes que se percebem como agressores têm do impacto do seu comportamento na forma de sentir da vítima (OE3.3), dos cinco jovens (100%) que se identificaram como agressores, através de respostas dicotómicas (Sim/Não) a diversos parâmetros, três (60%) sentem-se irritados/as; dois (40%) sentem-se tristes; dois (40%) sentem-se indefesos/as; um (20%) sente-se mal e nenhum (0%) refere que se sente sozinho/a, isolado/a; que isso não o/a afeta, que ele/a não sente nada; e que se preocupa com o que os outros possam pensar dele/a (Ver Gráfico 21).

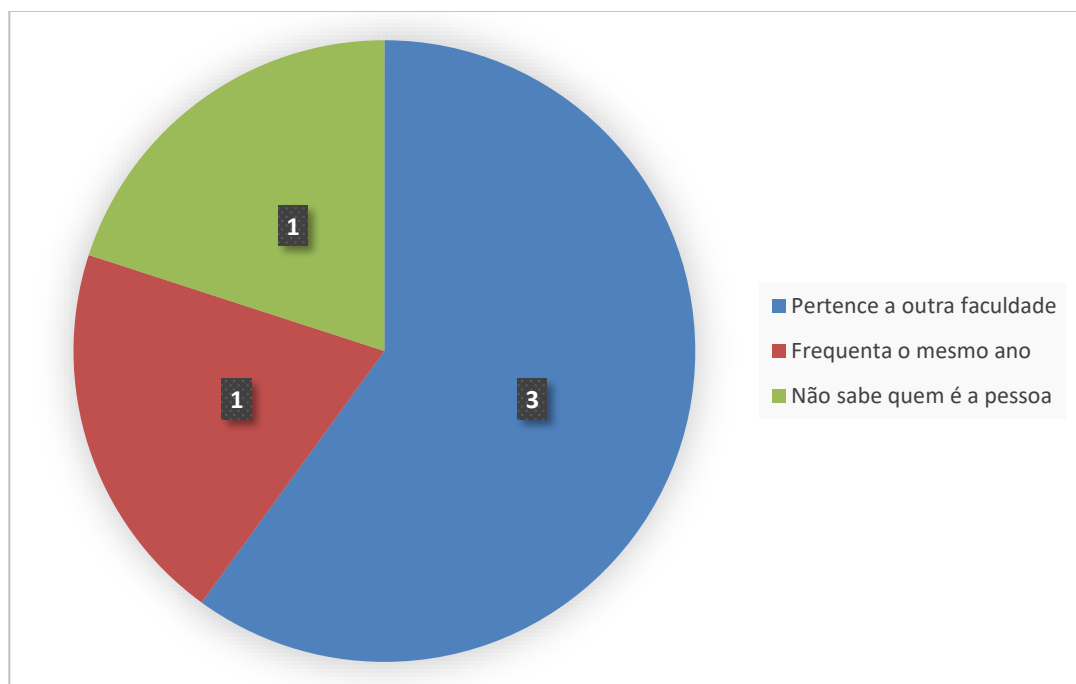
Gráfico 21. Perceção dos agressores sobre como a vítima se sente



Fonte: Elaboração própria

No que concerne à percepção que os estudantes que se percebem como agressores têm da relação/conhecimento que tem com a/vítima (OE3.4), dos cinco jovens (100%) que se identificaram como agressores, através de respostas dicotómicas (Sim/Não) a diversos parâmetros, três (60%) referem que são de outra faculdade; um (20%) refere que frequenta o mesmo ano que ele/a, mas que é de outra turma; e um (20%) não sabe quem é a pessoa contra a qual pratica *bullying* (Ver Gráfico 22).

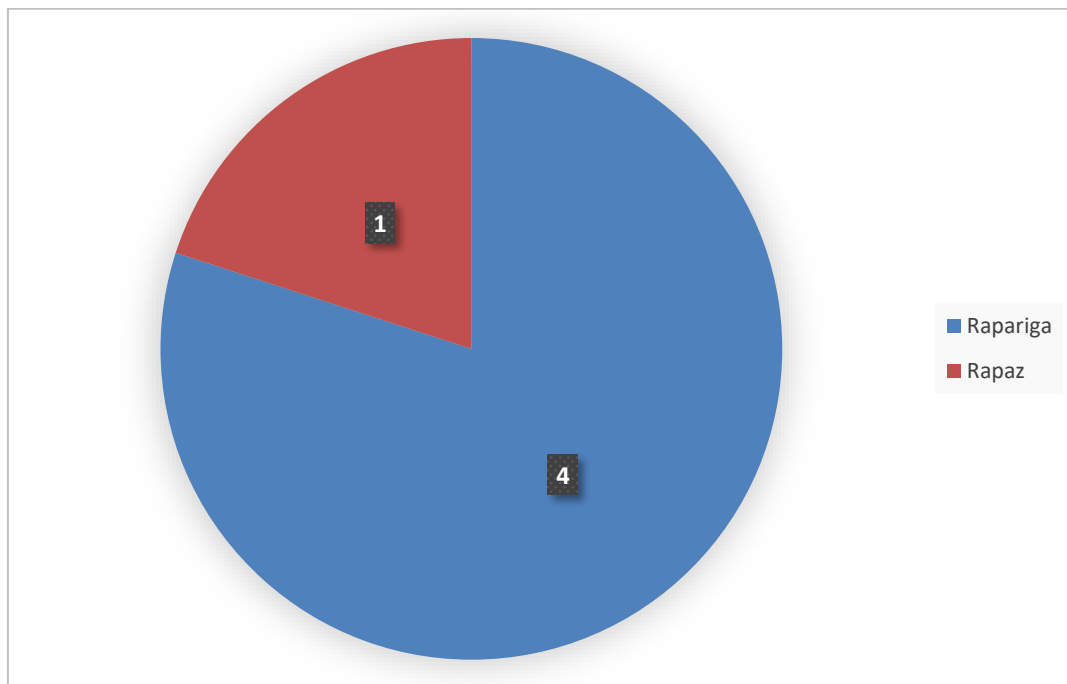
Gráfico 22. Percepção do agressor sobre a relação/conhecimento sobre a vítima



Fonte: Elaboração própria

Quanto à perceção que os estudantes que se percecionam como agressores têm dos jovens contra os quais praticam *bullying* nas redes sociais (OE3.5), dos cinco jovens (100%) que se identificaram como agressores, através de respostas dicotómicas (Sim/Não) a diversos parâmetros, quatro (80%) identifica principalmente uma rapariga e um (20%) identifica principalmente um rapaz (Ver Gráfico 23).

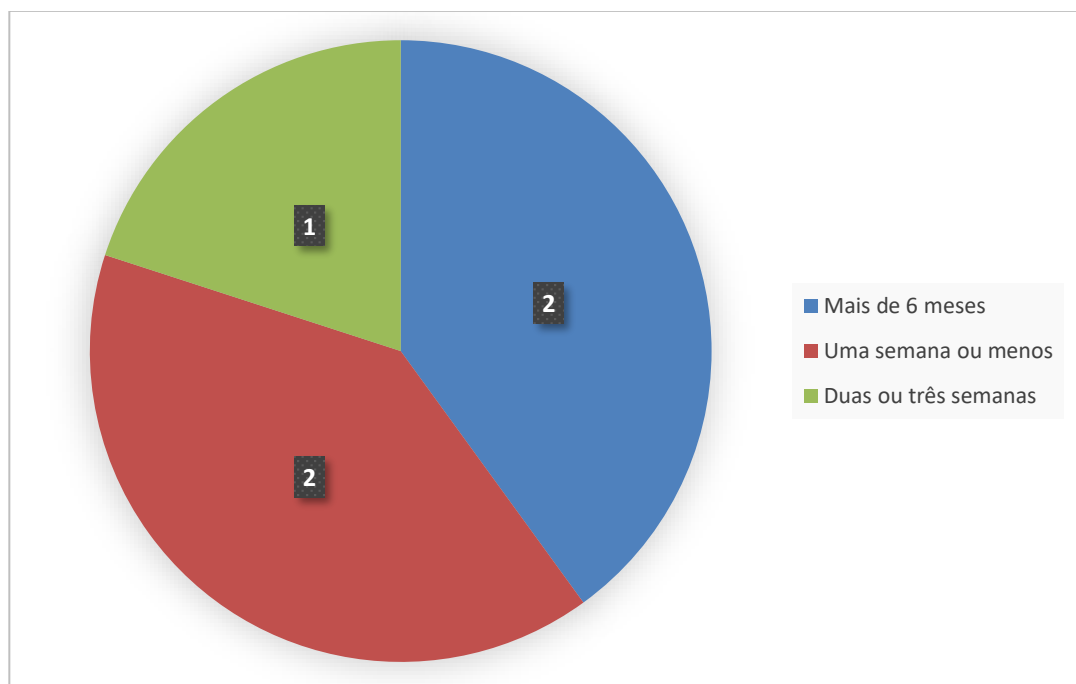
Gráfico 23. Perceção da vítima sobre a relação/conhecimento sobre o agressor



Fonte: Elaboração própria

Quanto à percepção de tempo de duração dos seus atos de agressão (OE3.6), dos cinco jovens (100%) que se identificaram como agressores, através de respostas dicotómicas (Sim/Não) a diversos parâmetros, dois (40%) referem que durou mais de seis meses, dois (40%) identificam que durou uma semana ou menos; e um (20%) identifica duas ou três semanas como o tempo de duração do ato (Ver Gráfico 24).

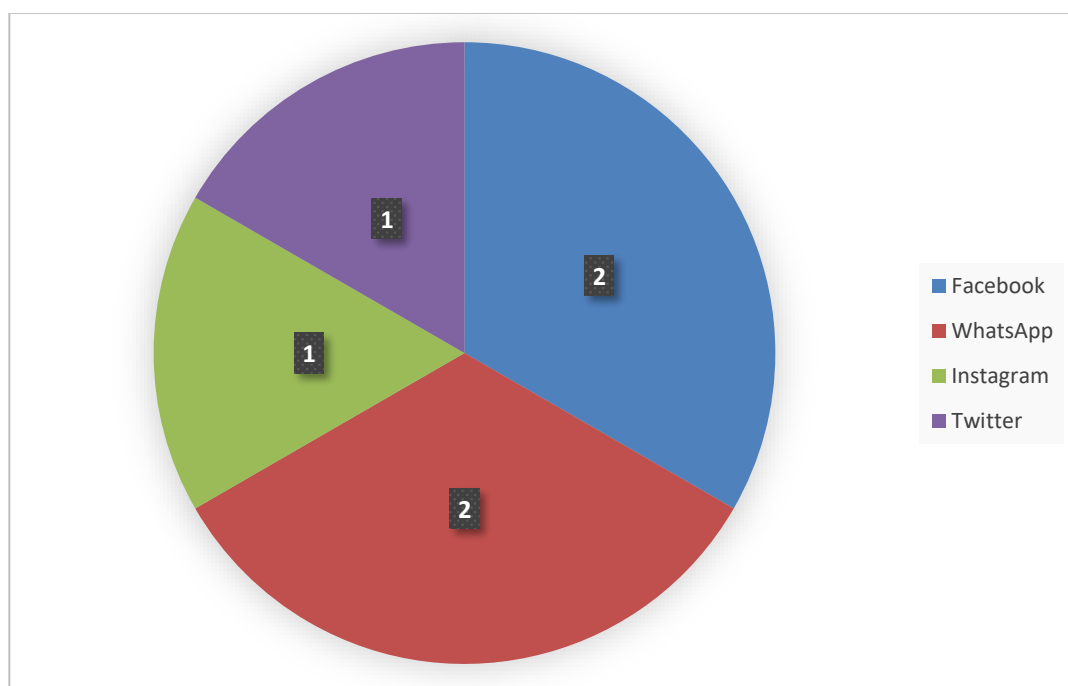
Gráfico 24. Percepção de tempo de duração dos atos de agressão sobre as vítimas



Fonte: Elaboração própria

No que diz respeito às redes sociais utilizadas por parte dos jovens que se identificam como agressores por praticar atos(s) de agressão (OE3.7), dos cinco jovens (100%) que se identificaram como agressores, através de respostas dicotómicas (Sim/Não) a diversos parâmetros, dois (40%) referiram o *Facebook*; dois (40%) o *WhatsApp*; um (20%) o *Instagram*; e um (20%) o *Twitter* (Ver Gráfico 25).

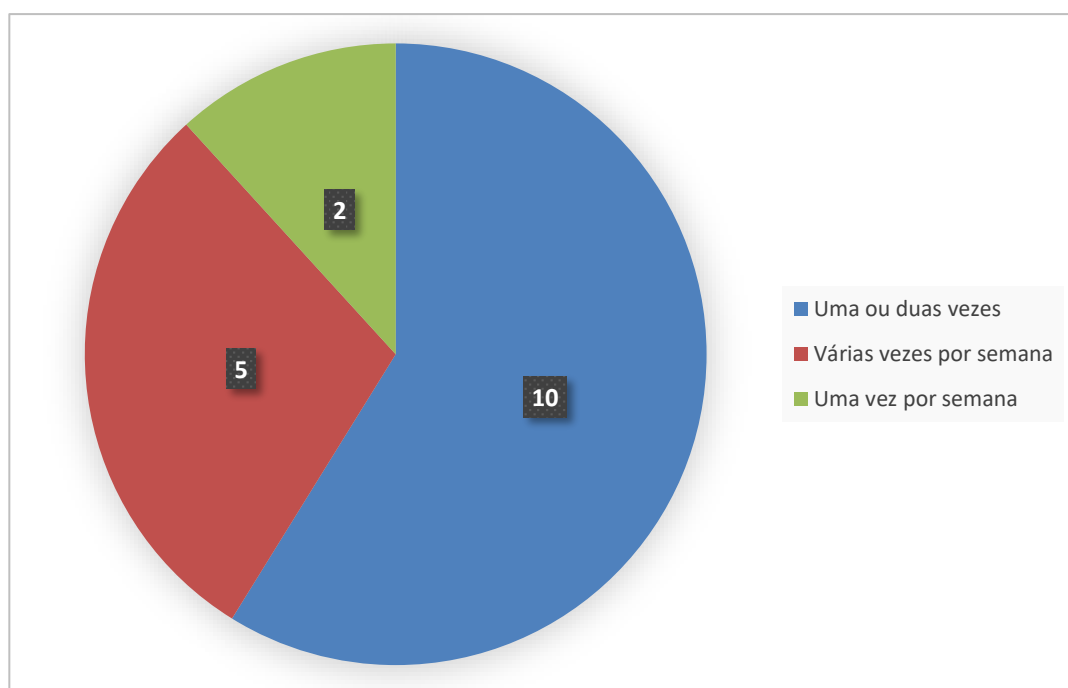
Gráfico 25. Redes sociais utilizadas pelos agressores para praticar os atos de agressão



Fonte: Elaboração própria

Quanto ao objetivo Geral 4, caracterizar os estudantes universitários vítimas e promotores de *bullying* nas redes sociais, mais especificamente quanto à frequência do comportamento de agressão (OE4.1), dos 17 estudantes que se identificaram como vítimas 10 (58,8%) referem que apenas aconteceu uma ou duas vezes; cinco (29,4%) referem ter acontecido várias vezes por semana e dois (11,8%) verbalizam que aconteceu uma vez por semana (Ver Gráfico 26).

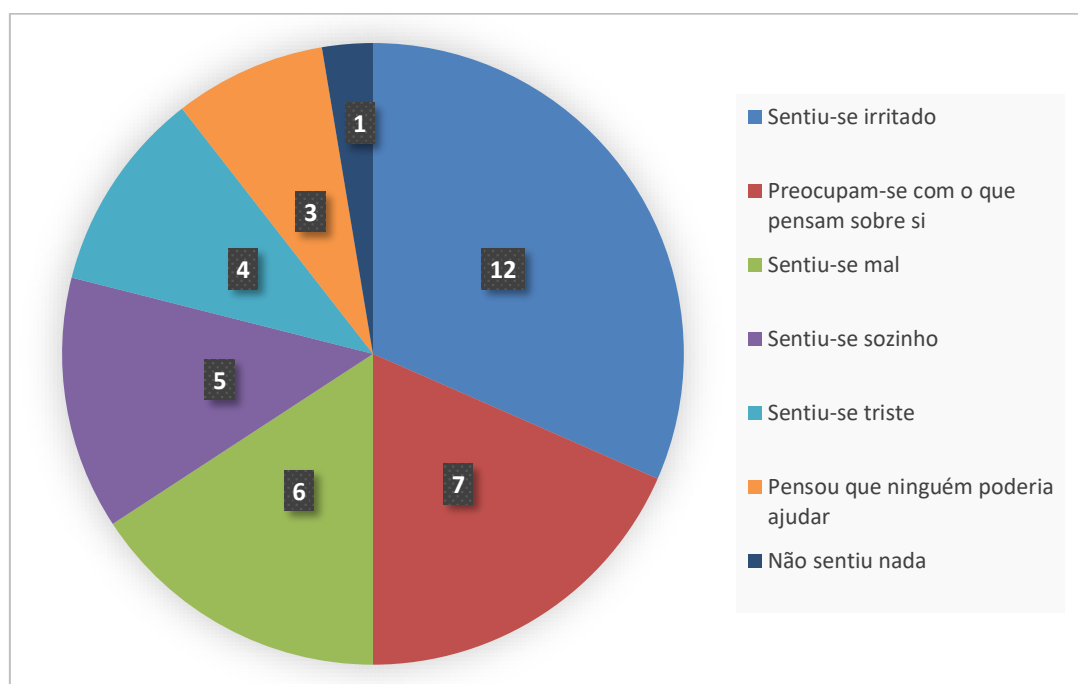
Gráfico 26. Frequência do comportamento de agressão



Fonte: Elaboração própria

Quanto à forma como se sentem enquanto vítimas e promotores de *bullying* nas redes sociais (OE4.2), dos 17 estudantes que se identificaram quando foram vítimas, 12 (70,6%) sentiram-se irritado(s)/a(s); sete (41,2%) referiram que se preocupam com o que podem pensar ou dizer sobre si; seis (35,3%) referem que se sentiram mal; cinco (29,4%) que se sentiram sozinho(s)/a(s) /isolado(s)/a(s); quatro (23,5%) que se sentiram tristes; três (17,6%) que pensaram que ninguém os podia ajudar; e um (5,9%) refere que isso não o afetou, logo não sentiu nada (Ver Gráfico 27).

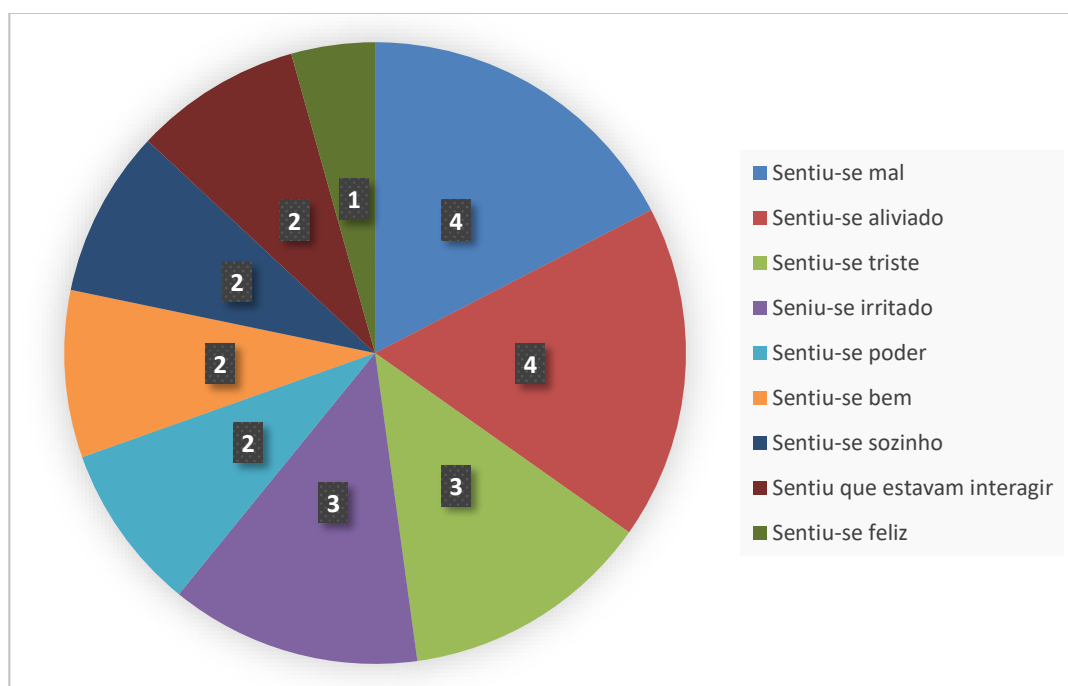
Gráfico 27. Como as vítimas se sentem sabendo que sofrem desta violência



Fonte: Elaboração própria

Destes 17 estudantes que se identificaram quando foram agressores, quatro (23,5%) referem que se sentiram mal; quatro (23,5%) que se sentiram aliviados/as; três (17,6%) que se sentiram tristes; três (17,6%) que se sentiram irritados(as); dois (11,8%) que se sentiram com poder; dois (11,8%) sentiram-se bem; dois (11,8%) sentiram-se sozinhos/as; dois (11,8%) sentiram que estavam a interagir; e um (5,9%) sentiu-se feliz (Ver Gráfico 28).

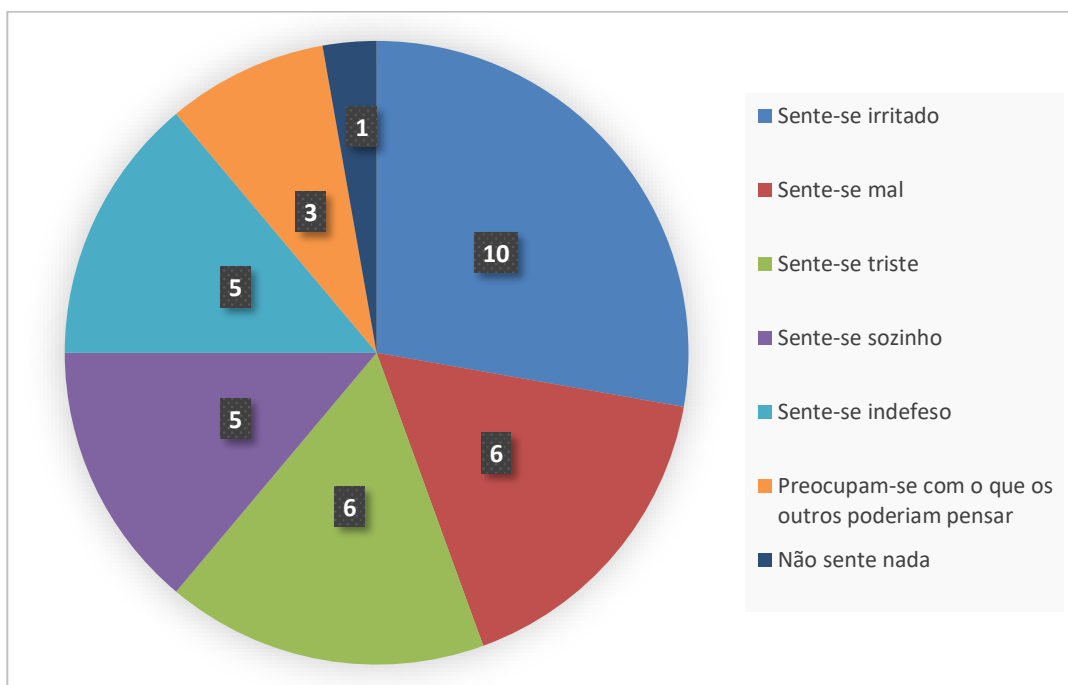
Gráfico 28. Como os agressores se sentem ao praticar esta violência



Fonte: Elaboração própria

Quanto à percepção que têm do impacto do seu comportamento na forma de sentir da vítima enquanto vítimas e promotores de *bullying* nas redes sociais (OE4.3), dos 17 estudantes que se identificaram quando foram agressores, 10 (58,8%) referem que a vítima se sente irritado(o); seis (35,3%) que se sentem mal; seis (35,3%) que se sentem tristes; cinco (29,4%) que se sentiram sozinhos/as/isolados/as; cinco (29,4%) que se sentiram indefesos; três (17,6%) que as vítimas se preocuparam com o que os outros poderiam pensar; e um (5,9%) referem que isso não o/a afeta/que não sente nada (Ver Gráfico 29).

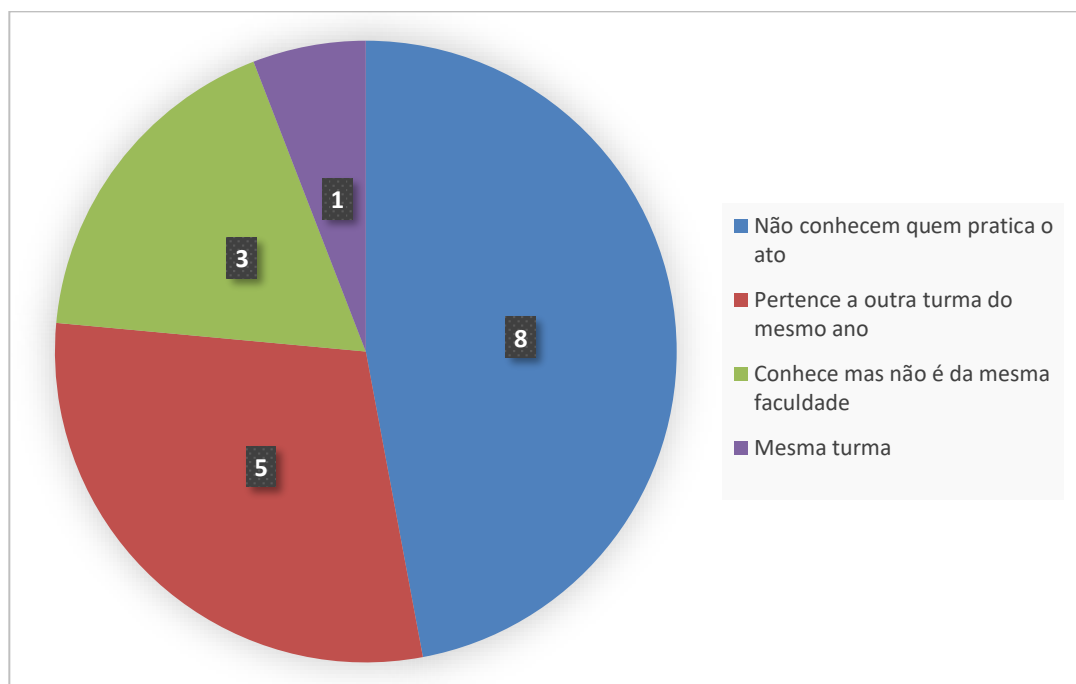
Gráfico 29. Percepção que têm do impacto do seu comportamento na forma de sentir da vítima enquanto vítimas e promotores de bullying nas redes sociais



Fonte: Elaboração própria

Quanto à percepção de relação /conhecimento que tem com a/da vítima enquanto vítimas e promotores de *bullying* nas redes sociais (OE4.4), dos 17 estudantes que se identificaram quando foram vítimas, oito (47,1%) não conhecem quem pratica o ato contra si; cinco (29,4%) referem que pertence a outra turma do mesmo ano que o próprio; três (17,6%) referem que o conhecem mas que não são da mesma faculdade; e um (5,9%) refere que é da sua turma (Ver Gráfico 30).

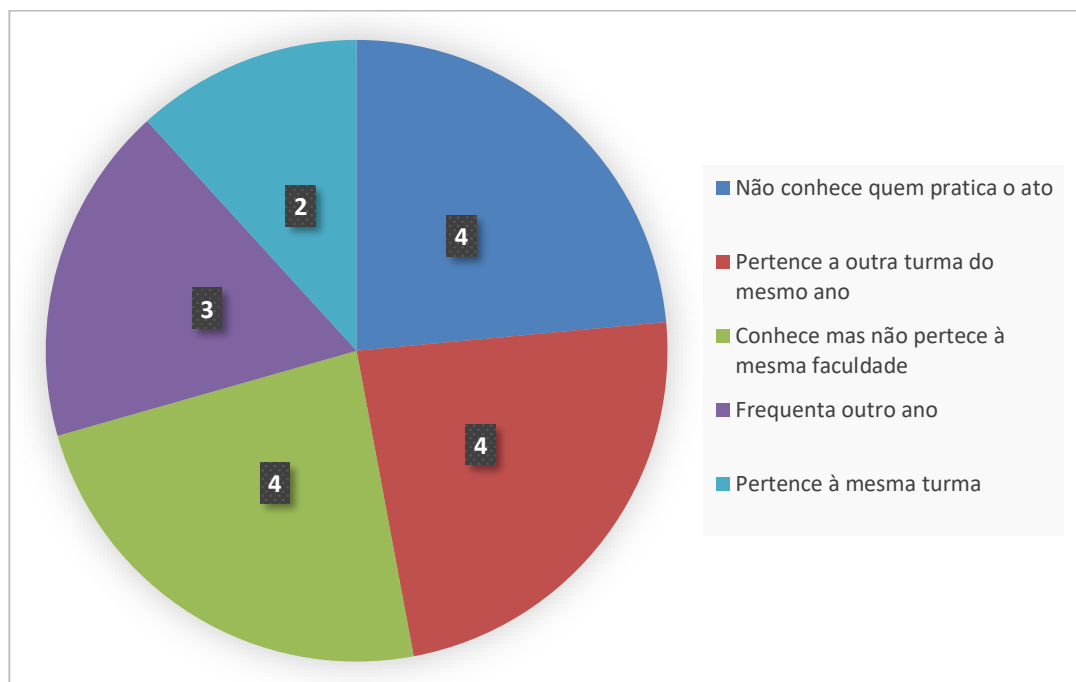
Gráfico 30. Percepção de relação /conhecimento que tem com a/da vítima enquanto vítimas e promotores de bullying nas redes sociais



Fonte: Elaboração própria

Dos 17 estudantes que se identificaram quando foram agressores, quatro (23,5%) não conhecem quem pratica o ato contra si; quatro (23,5%) referem que pertence a outra turma do mesmo ano que o próprio; quatro (23,5%) referem que o conhecem, mas que não são da mesma faculdade; três (17,6%) refere que frequenta outro ano diferente do seu; e dois (11,8%) referem que são da sua turma (Ver Gráfico 31).

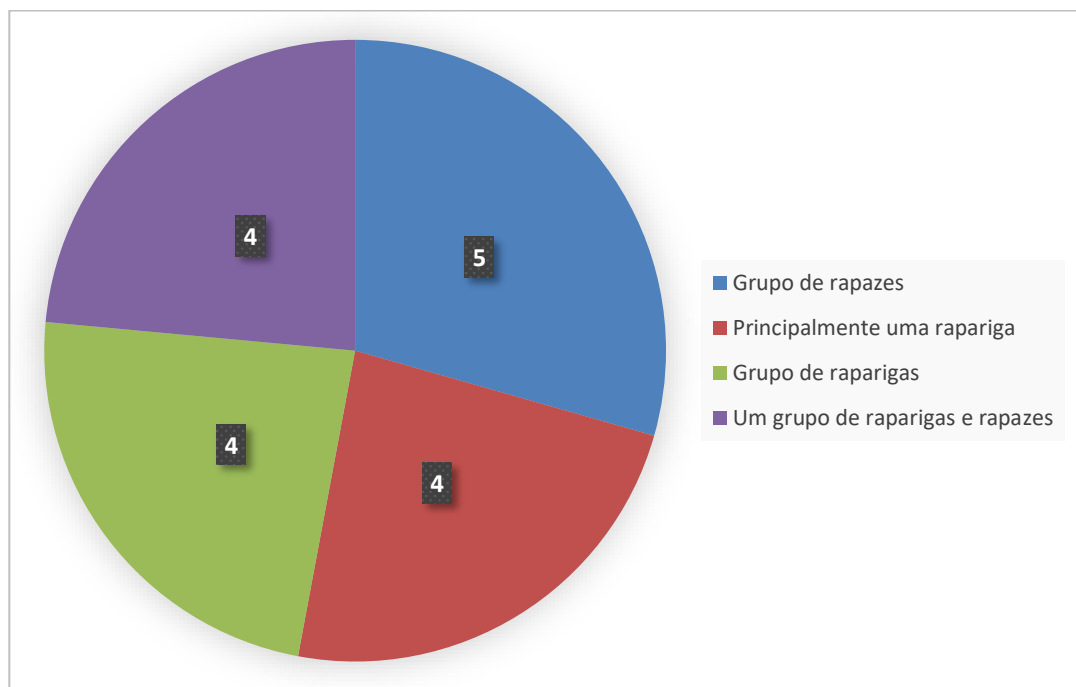
Gráfico 31. Percepção dos agressores a quem praticam o ato



Fonte: Elaboração própria

Quanto à representação de quem é o jovem/grupo promotor/alvo do seu comportamento, enquanto vítimas e promotores de *bullying* nas redes sociais (OE4.5), dos 17 estudantes que identificaram quando foram vítimas, cinco (29,4%) identificam um grupo de rapazes; quatro (23,5%) principalmente uma rapariga; quatro (23,5%) um grupo de raparigas; e quatro (23,5%) um grupo de raparigas e de rapazes (Ver Gráfico 32).

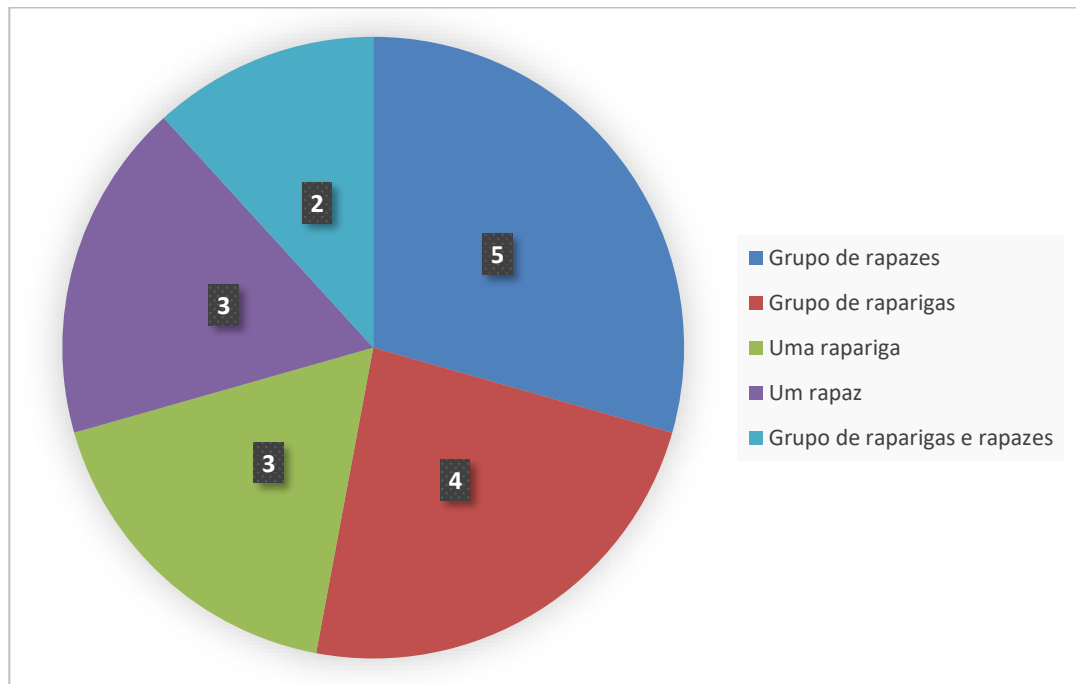
Gráfico 32. Representação de quem é o jovem/grupo promotor/alvo do seu comportamento, enquanto vítimas e promotores de bullying nas redes sociais



Fonte: Elaboração própria

Dos 17 estudantes que identificaram quando foram agressores, cinco (29,4%) identificaram um grupo de rapazes; quatro (23,5%) um grupo de raparigas; três (17,6%) principalmente uma rapariga; três (17,6%) principalmente um rapaz; e dois (11,8%) identificaram um grupo de raparigas e de rapazes (Ver Gráfico 33)

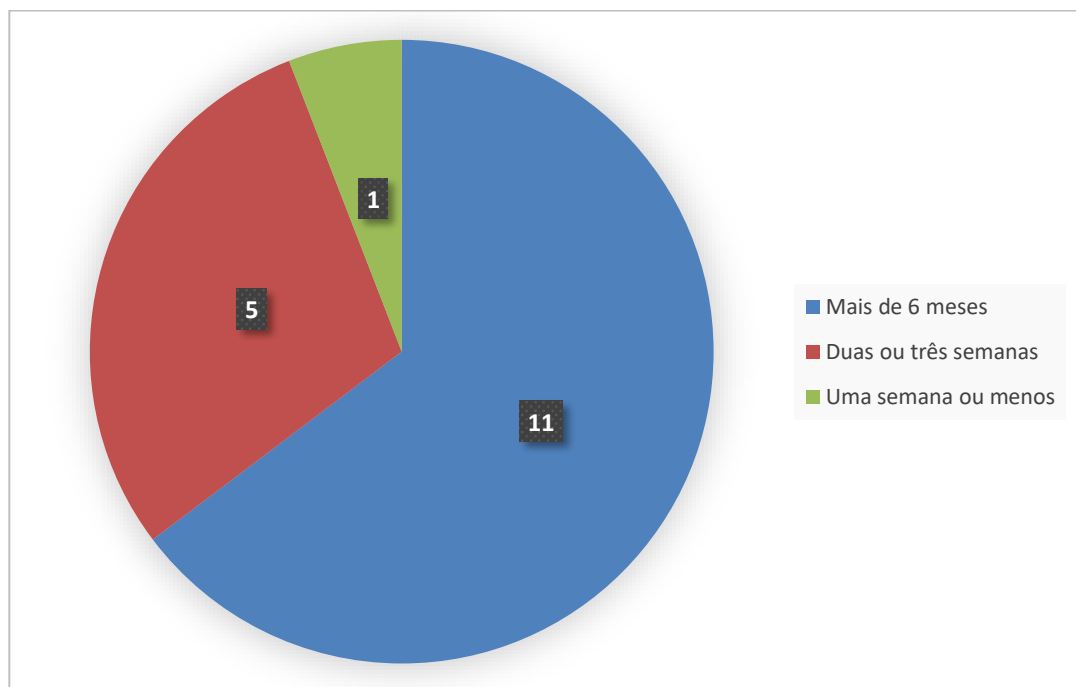
Gráfico 33. Grupo ou indivíduos a quem os agressores praticam cyberbullying



Fonte: Elaboração própria

No que diz respeito ao tempo de duração dos seus atos de vitimação/agressão enquanto vítimas e promotores de *bullying* nas redes sociais (OE4.6), dos 17 estudantes que identificaram quando foram vítimas, 11 (64,7%) referiram que duraram mais de seis meses; cinco (29,4%) referiram que duraram duas ou três semanas; e um (5,9%) identificou que duraram uma semana ou menos (Ver Gráfico 34).

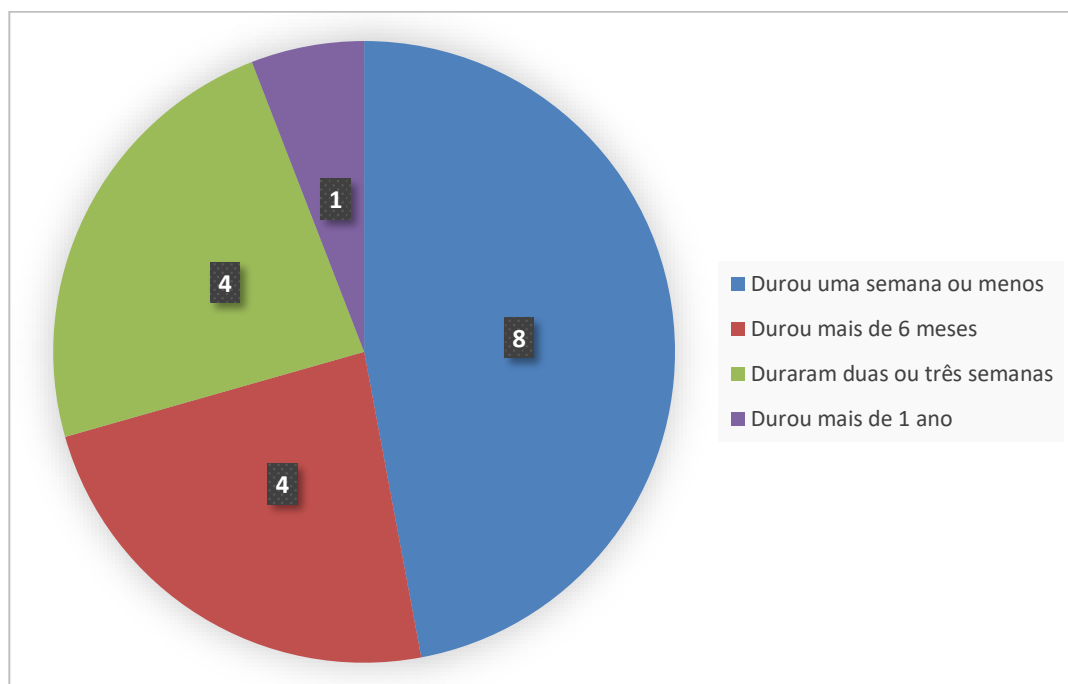
Gráfico 34. Duração dos seus atos de vitimação/agressão enquanto vítimas e promotores de bullying nas redes sociais



Fonte: Elaboração própria

Dos 17 estudantes que identificaram quando foram agressores, oito (47,1%) referiram que as práticas duraram uma semana ou menos; quatro (23,5%) referiram que duraram mais de seis meses; quatro (23,5%) que duraram duas ou três semanas; e um (5,9%) verbaliza que duraram mais de um ano (Ver Gráfico 35).

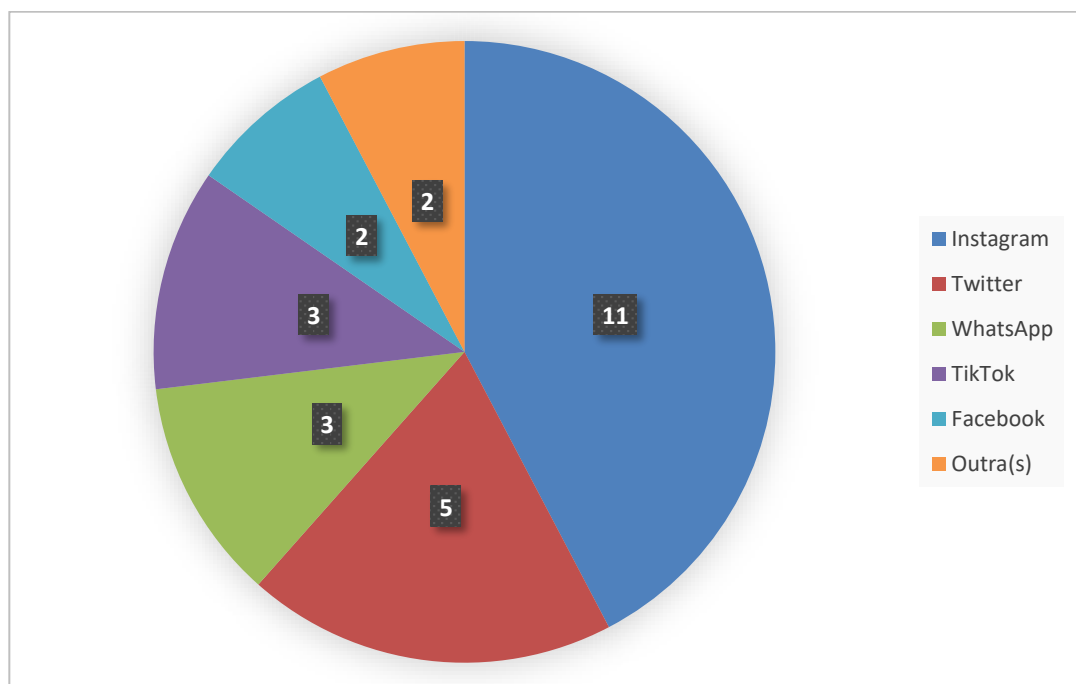
Gráfico 35. Duração das práticas dos agressores



Fonte: Elaboração própria

No que concerne às redes sociais que utilizaram para ser alvo/promover o(s) ato(s) de agressão enquanto vítimas e promotores de *bullying* nas redes sociais (OE4.7), dos 17 estudantes quando se identificaram quando foram vítimas, 11 (64,7%) elencam o *Instagram*; cinco (29,4%) o *Twitter*; três (17,6%) o *WhatsApp*; três (17,6%) o *TikTok*; dois (11,8%) o *Facebook*; e dois (11,8%) foram vítimas de Outra(s) redes sociais (Ver Gráfico 36).

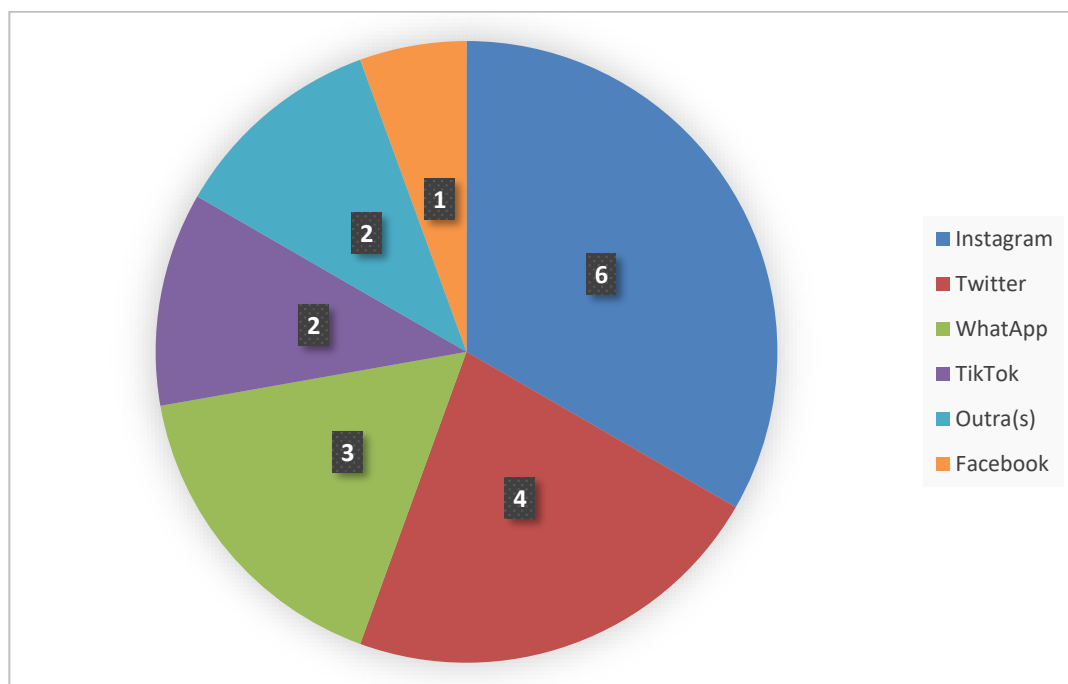
Gráfico 36. Redes sociais que utilizaram para ser alvo/promover o(s) ato(s) de agressão enquanto vítimas e promotores de bullying nas redes sociais



Fonte: Elaboração própria

Dos 17 estudantes quando se identificaram quando foram agressores, seis (35,3%) identificaram o *Instagram*; quatro (23,5%) o *Twitter*; três (17,6%) o *WhatsApp*; dois (11,8%) o *TikTok*; dois (11,8%) identificaram utilizar. Outra(s) redes sociais; e um (5,9%) utilizaram o *Facebook* (Ver Gráfico 37).

Gráfico 37. Redes sociais utilizadas pelos agressores para as práticas de cyberbullying



Fonte: Elaboração própria

Quanto ao objetivo Geral 5, avaliar a relação entre resiliência e *cyberbullying* junto dos estudantes universitários, mais concretamente analisar se os estudantes universitários promotores de *cyberbullying* possuem maior resiliência de *coping* do que os estudantes universitários vítimas de *cyberbullying* (OE5.1), verificou-se que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($p \geq 0.005$).

Sendo que relativamente à questão “Procuro formas criativas de superar situações difíceis.”, são os 62 que se identificam como vítimas que apresentam uma média mais elevada ($M= 2,85$; $DP=1,05$), seguidos dos 17 que se identificam como vítimas e agressores ($M=2,82$; $DP=0,64$), depois os cinco que se identificam como agressores ($M=2,80$; $DP=1,30$) e os 140 jovens que referem que nunca foram agressores nem vítimas foram os que apresentaram valores mais baixos ($M=2,76$; $DP= 1,13$).

Relativamente à questão “Independentemente do que me possa acontecer, acredito que posso controlar as minhas reações.”, são os cinco que se identificam como agressores que apresentam uma média mais elevada ($M=3,40$; $DP=0,55$), seguidos dos 140 jovens que referem que nunca foram agressores nem vítimas ($M=3,20$; $DP= 0,98$), depois os 17 que se identificam como vítimas e agressores ($M=3,12$; $DP=0,93$), e os 62 que se identificam como vítimas foram os que apresentam uma média mais baixa ($M= 3,06$; $DP=1,00$).

No que diz respeito à questão “Acredito que posso crescer positivamente lidando com situações difíceis.” são os cinco que se identificam como agressores que apresentam uma média mais elevada ($M=4,20$; $DP=0,84$), seguidos dos 62 jovens que se identificam como vítimas ($M= 3,71$; $DP=0,98$), depois os 140 jovens que referem que nunca foram agressores nem vítimas ($M=3,64$; $DP= 1,09$), e os 17 que se identificam como vítimas e agressores apresentaram uma média mais baixa ($M=3,24$; $DP=0,97$).

Por último, no que concerne à questão “Procuro ativamente formas de substituir as perdas que encontro na vida.”, são os cinco que se identificam como agressores que apresentam uma média mais elevada ($M=3,20$; $DP=0,84$), seguidos dos 17 que se identificam como vítimas e agressores ($M=3,12$; $DP=0,70$), depois os 140 jovens que referem que nunca foram agressores nem vítimas ($M=2,83$; $DP= 1,12$) e os 62 jovens que se identificam como vítimas apresentaram uma média mais baixa ($M= 2,73$; $DP=1,13$).

Quanto ao objetivo Geral 6, conhecer se as características sociodemográficas dos estudantes universitários retratam diferentes envolvimento face a agressor/vítima de *cyberbullying*, mais concretamente, conhecer se o sexo dos estudantes universitários retratam diferentes envolvimento face ao agressor/vítima de *cyberbullying* (OE6.1), verificou-se que existem diferenças na distribuição entre os grupos de agressor/vítima de *cyberbullying* em função do sexo $\chi^2(6) = 20.69$; $p = 0.02$ (Ver Tabela 1)

Tabela 1. Sexo dos estudantes universitários em função dos diferentes envolvimento face ao agressor/vítima de *cyberbullying*

		Sexo		
		Feminino n (%)	Masculino n (%)	Outro n (%)
Grupos de agressor/vítima de <i>Cyberbullying</i>	Nunca promovi e nunca fui alvo	118 (52,7%)	21 (9,4%)	1 (0,4%)
	Vítima	56 (25,0%)	5 (2,2%)	1 (0,4%)
	Agressor	4 (1,8%)	1 (0,4%)	0 (0,0%)
	Vítima e Agressor	8 (3,6%)	9 (4,0%)	0 (0,0%)

Nota: n (frequência); % (percentagem)

Fonte: Elaboração própria

Quanto ao conhecer se as idades dos estudantes universitários retratam diferentes envolvimento face a agressor/vítima de *cyberbullying* (OE6.2), verificou-se que existe um efeito estatisticamente significativo da idade nos grupos de agressor/vítima de *cyberbullying* ($F(3,220) = 3,45$; $p = 0,017$) (Ver Tabela 2).

Tabela 2. Idade dos estudantes universitários em função dos diferentes envolvimento face ao agressor/vítima de *cyberbullying*

		Idade		
		M(DP)	Min	Max
Grupos de agressor/vítima de <i>Cyberbullying</i>	Nunca promovi e nunca fui alvo	24,09 (7,73)	18	55
	Vítima	21,15 (3,11)	18	37
	Agressor	22,40 (3,36)	18	26
	Vítima e Agressor	25,53 (7,63)	18	47

Nota: M (Média); DP (Desvio Padrão); Min (Idade Mínima); Max (Idade Máxima)

Fonte: Elaboração própria

Quanto a conhecer se a situação amorosa dos estudantes universitários retrata diferentes envolvimento face a ser agressor/vítima de *cyberbullying* (OE6.3), verificou-se que não existem diferenças significativas na distribuição entre os grupos de agressor/vítima em função da situação amorosa ($\chi^2(3) = 1.160$; $p = 0.763$).

Relativamente a conhecer se a situação/condição de residência dos estudantes universitários retrata diferentes envolvimento face a agressor/vítima de *cyberbullying* (OE6.4), verificou-se que existem diferenças na distribuição entre os grupos de agressor/vítima em função da situação/condição de residência ($\chi^2(15) = 31.256$; $p = 0.008$) (Ver Tabela 3).

Tabela 3. Situação/condição de residência dos estudantes universitários retrata diferentes envolvimento face a agressor/vítima de *cyberbullying*

		Com quem vive					
		S n (%)	FB n (%)	FM n (%)	FR n (%)	CAR n (%)	O n (%)
Grupos de agressor/ vítima de <i>Cyberbullying</i>	Nunca promovi e nunca fui alvo	8 (3,6%)	93 (41,5%)	17 (7,6%)	13 (5,8%)	0 (0,0%)	9 (4,0%)
	Vítima	4 (1,8%)	38 (17%)	8 (3,6%)	7 (3,1%)	0 (0,0%)	5 (2,2%)
	Agressor	0 (0,0%)	3 (1,3%)	1 (0,4%)	1 (0,4%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
	Vítima e Agressor	1 (0,4%)	10 (4,5%)	0 (0,0%)	1 (0,4%)	2 (0,9%)	3 (1,3%)

Nota: S (Vive Sozinho/a); FB (Família Biológica); FM (Família Monoparental); FR (Família Reconstituída); CAR (Casa de Acolhimento Residencial); O (Outra); n(frequência); % (percentagem)

Fonte: Elaboração própria

No que concerne a conhecer se a região de residência dos estudantes universitários retrata diferentes envolvimento face a agressor/vítima de *Cyberbullying* (OE6.5), verificou-se que não existem diferenças na distribuição entre os grupos de agressor/vítima em função da situação amorosa ($\chi^2(9) = 7.456$; $p = 0.590$).

Quanto a conhecer se se a área de estudo frequentada pelos estudantes universitários retrata diferentes envolvimento face a agressor/vítima de *Cyberbullying* (OE6.6), verificou-se que existem diferenças na distribuição entre os grupos de agressor/vítima em função da área de estudo ($\chi^2(21) = 47.409$; $p = 0.001$) (Ver Tabela 4).

Tabela 4. Área de Estudo dos estudantes universitários em função dos diferentes envolvimento face ao agressor/vítima de cyberbullying

		Área de Estudo						CSA n (%)	CH n (%)
		CET n (%)	CB n (%)	E n (%)	CS n (%)	CA n (%)	LLA n (%)		
Grupos de agressor/ vítima de <i>Cyberbullying</i>	Nunca promovi e nunca fui alvo	2 (0,9%)	2 (0,9%)	3 (1,3%)	11 (4,9%)	0 (0,0%)	26 (11,6%)	49 (21,9%)	47 (21,0%)
	Vítima	2 (0,9%)	2 (0,9%)	2 (0,9%)	4 (1,8%)	1 (0,4%)	11 (4,9%)	28 (12,5%)	12 (5,4%)
	Agressor	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (0,4%)	0 (0,0%)	1 (0,4%)	2 (0,9%)	1 (0,4%)
	Vítima e Agressor	0 (0,0%)	0 (0,0%)	3 (1,3%)	0 (0,0%)	3 (1,3%)	3 (1,3%)	5 (2,2%)	3 (1,3%)

Nota: CET (Ciências Exatas e da Terra); CB (Ciências Biológicas); E (Engenharias); CS (Ciências da saúde); CA (Ciências Agrárias); LLA (Linguística, Letras e Artes); CSA (Ciências Sociais Aplicadas); CH (Ciências Humanas); n (frequência); % (percentagem)

Fonte: Elaboração própria

Relativamente a conhecer se o ano curricular dos estudantes universitários retrata diferentes envolvimento face a ser agressor/vítima de *cyberbullying* (OE6.7), verificou-se que não existe um efeito estatisticamente significativo da área de estudo frequentada nos grupos de agressor/vítima ($F(3,220) = 0,652$; $p = 0,582$).

CAPÍTULO 6. DISCUSSÃO

A presente investigação procurou explorar a prevalência, características e o impacto do *bullying* nas redes sociais entre estudantes universitários, bem como as relações entre este fenómeno, resiliência e variáveis sociodemográficas. Os resultados apresentados fornecem uma visão abrangente e multifacetada, que será discutida em detalhe.

Os dados mostraram que a maioria dos estudantes (62,5%) nunca esteve envolvida em episódios de *bullying* nas redes sociais, enquanto 27,7% identificaram-se exclusivamente como vítimas, 2,2% como agressores e 7,6% como vítimas e agressores.

Estes resultados apontam para a complicação do fenómeno, pois alguns dos estudantes vive a experiência de ser vítima e agressor, sugerindo a presença de dinâmicas cíclicas de agressão. Essa dinâmica já foi descrita por Olweus (1994), que destacou a reciprocidade em relações de poder desequilibradas, especialmente no contexto do *cyberbullying*, onde o anonimato pode incentivar a vingança. Além disso, a alta prevalência de vítimas e a baixa prevalência de agressores pode indicar que muitos atos de *bullying* podem ser cometidos por poucos indivíduos, mas com grande impacto coletivo.

Os estudantes que se identificaram como vítimas mostraram uma distribuição de frequência diversa, 28,6% sofreram *bullying* uma ou duas vezes, 3,6% semanalmente e 2,7% várias vezes por semana. A duração das experiências também variou, com 48,4% relatando episódios que duraram mais de seis meses, o que demonstra a persistência deste tipo de violência.

Esses episódios de violência geraram efeitos emocionais significativos. A maioria das vítimas relatou sentimentos de tristeza (51,6%), preocupação com a imagem (45,2%) e irritação (40,3%), seguidos por sensações de isolamento (30,6%) e impotência (14,5%). Estes resultados estão alinhados com estudos como os de Tokunaga (2010), que destacam os impactos psicológicos prolongados do *cyberbullying*, incluindo ansiedade, depressão e baixa autoestima.

Outro dado relevante foi que 53,2% das vítimas não conheciam os seus agressores, refletindo o anonimato característico das redes sociais. O anonimato *online*, conforme argumentado por Hinduja e Patchin (2008), pode criar uma sensação de impunidade nos agressores, ampliando o alcance e a frequência dos ataques.

As respostas às agressões foram diversas. Bloquear o agressor foi a estratégia mais utilizada (54,8%), seguido por chorar (41,9%), confrontar o agressor nas redes sociais (32,3%) e ignorar os episódios (27,4%). Apenas 14,5% apresentaram queixa formal nas redes sociais, e 3,2% recorreram à polícia. Esta relutância em procurar suporte formal pode ser atribuída ao estigma associado ao *bullying*, como sugerido por Smith et al. (2008), bem como à falta de confiança nas instituições. A alta prevalência de estratégias passivas, como ignorar ou bloquear, aponta para uma necessidade urgente de intervenções que promovam a assertividade e o suporte social.

Entre os 2,2% que se identificaram exclusivamente como agressores, os sentimentos variaram entre tristeza, poder e alívio. Esta ambivalência emocional pode ser explicada pela complexidade das motivações subjacentes ao *bullying*, que vão desde o desejo de afirmação social até à necessidade de controle, como discutido por Gomes da Costa (2019).

Os dados sugerem que os agressores podem não compreender plenamente o impacto de suas ações, o que reforça a importância de campanhas educativas focadas na empatia e nas consequências do *bullying*.

Estudantes mais resilientes apresentaram menor impacto emocional, confirmando a resiliência como um fator protetor. Este resultado é consistente com estudos prévios, como os de Sinclair e Wallston (2004), que destacaram o papel do *coping* adaptativo na mitigação do *stress* associado ao *bullying*. A implementação de programas que desenvolvam a resiliência pode ser crucial para reduzir o impacto do *bullying* nas redes sociais.

Os dados sociodemográficos revelaram diferenças significativas no envolvimento com o *bullying*.

Mais concretamente, as mulheres representaram a maioria das vítimas (83%), o que pode refletir padrões de género em comportamentos *online*, conforme sugerido por estudos como os de Baldry et al. (2018) e da APAV (2023). Contudo, como a amostra é maioritariamente constituída por mulheres, esta situação pode ajudar a explicar os resultados.

Estudantes mais jovens relataram maior prevalência de vitimação, o que está alinhado com a maior exposição dessa faixa etária às redes sociais. Também, de acordo com a APAV (2023), 55,1% das vítimas têm idades compreendidas entre os 11 e os 17 anos e 17,2% frequentam o ensino básico (2º ciclo).

Estudantes universitários em relacionamentos relataram menores taxas de vitimação, possivelmente devido ao suporte emocional associado ao se encontrar no momento a experienciar um relacionamento.

A maioria dos participantes vivia com a família biológica (64,3%), sugerindo um potencial suporte emocional que pode atenuar os impactos do *bullying*.

Estudantes universitários de Ciências Humanas e Sociais apresentaram maior prevalência de envolvimento em *bullying*, o que pode estar relacionado com a amostra ser constituída maioritariamente por estudantes desta área.

Quase todos os estudantes da amostra referem ter redes sociais (99,6%), destacando a relevância destas plataformas como ambiente primário de socialização e, consequentemente, de potenciais conflitos. Sendo o *Instagram* e o *Facebook* as redes sociais mais utilizadas para agredir, devem ser alvo de maior atenção por parte não só dos interventores sociais como da comunidade científica e policial em geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo sobre o *bullying* nas redes sociais entre estudantes universitários cumpriu os objetivos propostos, permitindo compreender a prevalência, as características das vítimas e agressores, e a relação entre o *cyberbullying* e a resiliência. Com base nos resultados obtidos, algumas conclusões importantes podem ser destacadas:

O objetivo geral de explorar a prevalência do *bullying* nas redes sociais foi alcançado, com 37,5% dos participantes identificados como vítimas, agressores ou ambos.

Especificamente, os resultados permitiram caracterizar as vítimas quanto à frequência e duração das experiências de *cyberbullying*, com 48,4% relatando episódios que se prolongaram por mais de seis meses; avaliaram as emoções associadas à vitimização, como tristeza, isolamento e ansiedade, revelando impactos emocionais profundos; descreveram as características dos agressores, que, embora em menor número, demonstraram comportamentos motivados por razões variadas, incluindo sentimento de poder e alívio emocional; e identificaram as redes sociais mais utilizadas nos atos de *bullying*, destacando o *Instagram* e o *Facebook*.

O contexto da pandemia de COVID-19 ampliou a relevância deste estudo. Durante os períodos de confinamento, o uso das redes sociais aumentou significativamente, transformando-as em um dos principais meios de comunicação e interação. Como resultado, a incidência de *cyberbullying* cresceu, tornando-se uma preocupação crescente entre os jovens universitários. Estudos anteriores já tinham indicado que o isolamento social e a intensificação das interações digitais podem agravar comportamentos de agressão *online*, criando um ambiente propício para a prática do *bullying* nas redes sociais.

Com base nas limitações e nos resultados do presente estudo, sugere-se para futuras investigações: ampliar a amostra, realizar estudos com uma amostra maior e mais diversificada, incluindo estudantes de diferentes instituições e regiões, para aumentar a representatividade dos resultados; diversidade de métodos, incorporar métodos qualitativos, como entrevistas ou grupos focais, para aprofundar a compreensão das motivações e experiências subjetivas de vítimas e agressores; foco nas políticas e intervenções, explorar a eficácia de programas educativos e intervenções baseados no fortalecimento da resiliência e na promoção de interações saudáveis nas redes sociais; e promover mais investigação pós-pandemia, ou seja,

analisar como a adaptação à normalidade após a pandemia afetou o uso das redes sociais e a prevalência de comportamentos agressivos *online*.

Este estudo reforça a urgência de ações educativas e interventivas que abordem o impacto do *cyberbullying* nas redes sociais. É essencial que instituições de ensino superior, famílias, interventores sociais e plataformas digitais colaborem para criar um ambiente seguro, onde os jovens possam interagir sem medo de julgamento ou agressões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (n.d.). *Cibercrime*.

<https://apav.pt/cibercrime/index.php/cibercrime>

Baldry, A., Balya, C., & Farrington, D. (Eds.). (2018). *International perspectives on cyberbullying: Prevalence, risk factors and interventions*. Palgrave Macmillan.

Belsey, B. (2004). *Cyberbullying: An emerging threat to the “always on” generation*. Cyberbullying Organization.

Boyd, D. M., & Ellison, N. B. (2007). Social network sites: Definition, history, and scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 13(1), 210-230.
<https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x>

Caetano, A. P., Freire, I., Simão, A. M. V., Martins, M. J. D., & Pessoa, M. T. (2016). Emoções no cyberbullying: Um estudo com adolescentes portugueses. *Educação e Pesquisa*, 42, 199-212. <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201603138125>

Carvalho, B. J. de, & Marôpo, L. (2020). “Tenho pena que não sinalizes quando fazes publicidade”: Audiência e conteúdo comercial no canal Sofia Barbosa no YouTube. *Comunicação e Sociedade*, 37, 93-107. [https://doi.org/10.17231/comsoc.37\(2020\).239](https://doi.org/10.17231/comsoc.37(2020).239)

Costa, T. M. B. G. da. (2019). *Risco comportamental, comportamentos de bullying e cyberbullying e resiliência: Estudo das relações e processos de interação numa amostra de adolescentes* [Dissertação de mestrado, Universidade do Minho]. RepositóriUM. <https://hdl.handle.net/1822/63431>

Dahlberg, L., & Krug, G. (2007). Violência: Um problema global de saúde pública. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, 11, 1163-1178.
<http://www.redalyc.org/pdf/630/63013510007.pdf>

Dos Santos Moreira, T. F. (2021). *Cyberstalking em Portugal: Comportamentos experienciados e praticados por estudantes universitários* [Dissertação de mestrado, Universidade do Porto]. Repositório Aberto. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/129890/2/427512.pdf>

Eisenstein, E. (2013). Desenvolvimento da sexualidade da geração digital. *Adolescência & Saúde*, 10(1), 61-71.
<https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v10s1a08.pdf>

Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância. (n.d.). *Cyberbullying: O que é e como pará-lo*. <https://www.unicef.org/brazil/cyberbullying-o-que-e-e-como-para-lo>

- Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância. (n.d.). *Internet mais segura* [@UNICEF]. <https://conceito.de/violencia>
- Kaplan, A. M., & Haenlein, M. (2010). Users of the world, unite! The challenges and opportunities of social media. *Business Horizons*, 53(1), 59-68. <https://doi.org/10.1016/j.bushor.2009.09.003>
- Karli, P. (2008). *As raízes da violência: Reflexões de um neurobiologista*. Instituto Piaget.
- Kirschner, P. A., & Karpinski, A. C. (2010). Facebook and academic performance. *Computers in Human Behavior*, 26(6), 1237-1245.
- Mascheroni, G., Cino, D., Mikuška, J., Lacko, D., & Smahel, D. (2020). Digital skills, risks and wellbeing among European children: Report on (f)actors that explain online acquisition, cognitive, physical, psychological and social wellbeing, and the online resilience of children and young people. Y Skills. <https://doi.org/10.5281/zenodo.5226902>
- Matos, M. G. & Equipa Aventura Social. (2018). A saúde dos adolescentes portugueses após a recessão. Relatório do estudo Health Behaviour in School Aged Children (HBSC) em 2018. Aventura Social. <https://fronteirasxxi.pt/wp-content/uploads/2020/02/A-SA%C3%9ADE-DOS-ADOLESCENTES-2018.pdf>
- McCuddy, T. (2021). Peer delinquency among digital natives: The cyber context as a source of peer influence. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 58(3), 306-342. <https://doi.org/10.1177/0022427820959694>
- Olweus, D. (1994). Bullying at school: Basic facts and effects of a school-based intervention program. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 35(7), 1171-1190. https://www.researchgate.net/publication/15391812_Bullying_at_School_Basic_Facts_and_Effects_of_a_School_Based_Intervention_Program
- Olweus, D., & Limber, S. (2010). Bullying in school: Evaluation and dissemination of the Olweus bullying prevention program. *American Journal of Orthopsychiatry*, 80(1), 12-134. https://www.researchgate.net/publication/43180648_Bullying_in_School_Evaluation_and_Dissemination_of_the_Olweus_Bullying_Prevention_Program
- Pereira, M. C. P. (2021). *Cyberbullying, ideação suicida, solidão e comunicação entre pais-filhos numa amostra de adolescentes e jovens adultos portugueses* [Tese de mestrado, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro]. <http://hdl.handle.net/10348/10996>
- Ponte, C., & Batista, S. (2019). *EU Kids Online Portugal: Usos, competências, riscos e mediações da internet reportados por crianças e jovens (9-17 anos)*. EU Kids Online; NOVA FCSH

- Ponte, C., Batista, S., & Baptista, R. (2022). *Resultados da 1ª série do questionário y SKILLS (2021) - Portugal. Y Skills*. <https://www.icnova.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/38/2022/02/Relat%C3%B3rio-1%C2%AA-s%C3%A9rie-Portugal-2.pdf>
- Sampaio, J. (2015). *Bullying no contexto escolar: Avaliação de um programa de intervenção* [Tese de doutorado em Saúde Pública, Universidade de São Paulo]. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22133/tde-04032016-193910/publico/JULLIANEMESSIASCORDEIROSAMPAIO.pdf>
- Silva, J., Oliveira, W., Mello, F., Andrade, L., Bazon, M., & Silva, M. (2017). Revisão sistemática da literatura sobre intervenções antibullying em escolas. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, 22(7), 2329-2340. <https://www.scielo.br/j/csc/a/WLQVDC8GDKzmyjVxnYgtKrc/?format=pdf&lang=pt>
- Staksrud, E. (2009). Problematic conduct: Juvenile delinquency on the internet. In S. Livingstone & L. Haddon (Eds.), *Kids online: Opportunities and risks for children* (pp. 147-157). Policy Press. <https://doi.org/10.2307/j.ctt9qgvds.17>
- Stern, S. (2008). Producing sites, exploring identities: Youth online. In D. Buckingham (Ed.), *Youth identity and digital media* (pp. 95-118). MIT Press.
- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2008). *Bullying beyond the schoolyard: Preventing and responding to cyberbullying*. Corwin Press.
- Patchin, J. W., & Hinduja, S. (2015). Measuring cyberbullying: Implications for research and policy. *Aggression and Violent Behavior*, 23, 69-74.
- Smith, P. K., Mahdavi, J., Carvalho, M., Fisher, S., Russell, S., & Tippett, N. (2008). Cyberbullying: Its nature and impact in secondary school pupils. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 49(4), 376-385.
- Tokunaga, R. S. (2010). Following you home from school: A critical review and synthesis of research on cyberbullying victimization. *Computers in Human Behavior*, 26(3), 277-287.
- World Health Organization. (2024, March 27). *One in six school-aged children experiences cyberbullying, finds new WHO/Europe study*. <https://www.who.int/europe/news/item/27-03-2024-one-in-six-school-aged-children-experiences-cyberbullying--finds-new-who-europe-study>

APÊNDICE I. Questionário: Dados Sociodemográficos

Para caracterizar socio demograficamente os estudantes participantes deste estudo, foi elaborada a seguinte seção inicial do inquérito. Esta seção foi composta por nove questões baseadas na revisão bibliográfica e alinhadas com os objetivos do estudo. As questões apresentadas foram:

Sexo:

- Feminino
- Masculino
- Outro

Idade:

- (Variável escalar, resposta numérica)

Situação amorosa:

- Sem relação
- Com relação

Com quem vive:

- Sozinho/a
- Família biológica
- Família monoparental
- Família reconstituída
- Casa de acolhimento
- Outra

Distrito de residência:

- (Resposta aberta, para identificação do distrito)

Área de estudo:

- Ciências Exatas e da Terra
- Ciências Biológicas
- Engenharias
- Ciências da Saúde
- Ciências Agrárias
- Linguística, Letras e Artes
- Ciências Sociais Aplicadas

- Ciências Humanas

Ano curricular:

- Licenciatura
- Mestrado
- Doutoramento

Possui rede(s) social(ais)?

- Não, não tenho
- Sim, tenho uma
- Sim, tenho mais do que uma

Se possui rede(s) social(ais), indique qual(is):

- Facebook
- YouTube
- WhatsApp
- Instagram
- LinkedIn
- Pinterest
- Twitter
- Snapchat
- Tumblr
- Twitch
- TikTok
- Outra(s)
- Nenhuma

APÊNDICE II. Questionário sobre *Cyberbullying* nas Redes Sociais

Instrumento desenvolvido por Smith et al. (2008) e por Ortega et al. (2007), traduzido e aferido para Portugal por Bento (2011) e adaptado pela mestrandia Maria João Lourenço, em 2023.

Este questionário de autoaplicação tem uma duração aproximada de 20 minutos. Visa identificar se o/a participante já foi vítima e/ou autor(a) de cyberbullying através das redes sociais.

Inicia com a seguinte definição:

“O Bullying nas redes sociais (Cyberbullying nas redes sociais) é um tipo de comportamento agressivo de abuso de poder que ocorre através do uso de meios tecnológicos, com o objetivo de assediar, ameaçar ou intimidar alguém através das redes sociais.”

Segue-se um conjunto de 15 questões:

1. Alguma vez foste alvo/promoveste comportamentos de assédio persistente nas redes sociais com recurso a meios eletrónicos?
 - Nunca promovi e nunca fui alvo
 - Nunca promovi e já fui alvo
 - Já promovi e nunca fui alvo
 - Já promovi e já fui alvo
2. Quantas vezes foste vítima de cyberbullying através das redes sociais?
 - Nenhuma, isso nunca aconteceu
 - Apenas uma ou duas vezes
 - Uma vez por semana
 - Várias vezes por semana
3. Quantas vezes cometeste atos de cyberbullying contra outras pessoas através das redes sociais?
 - Nenhuma, isso nunca aconteceu
 - Apenas uma ou duas vezes
 - Uma vez por semana
 - Várias vezes por semana

4. Como te sentes quando és vítima de cyberbullying nas redes sociais?
(Pode assinalar mais do que uma opção):

- Sinto-me triste
- Sinto-me mal
- Sinto-me irritado/a
- Sinto que ninguém me pode ajudar
- Sinto-me sozinho/a, isolado/a
- Isso não me afeta, logo, não sinto nada
- Preocupa-me o que possam pensar ou dizer sobre mim
- Nunca me aconteceu

5. Como te sentes quando praticas atos de cyberbullying nas redes sociais?
(Pode assinalar várias opções):

- Sinto-me triste
- Sinto-me feliz
- Sinto-me mal
- Sinto-me bem
- Sinto-me irritado/a
- Sinto-me aliviado/a
- Sinto-me indefeso/a
- Sinto-me com poder
- Sinto-me sozinho/a
- Sinto que estou a interagir
- Não sinto nada porque não o faço

6. Como achas que se sente a pessoa a quem praticas cyberbullying nas redes sociais?
(Pode escolher várias opções):

- Sente-se triste
- Sente-se mal
- Sente-se irritado/a
- Sente-se indefeso/a

- Sente-se sozinho/a, isolado/a
 - Isso não a afeta, não sente nada
 - Preocupa-se com o que os outros possam pensar dela
 - Não pratico cyberbullying
7. Em que turma está a(s) pessoa(s) que praticam cyberbullying contra ti?
8. Em que turma está(ão) a(s) pessoa(s) a quem praticas cyberbullying?
- Não sou vítima / Não pratico cyberbullying
 - Na minha turma
 - Noutra turma, mas no mesmo ano
 - Noutro ano diferente
 - Não é da minha faculdade
 - Não sei quem é a pessoa
9. Quem pratica cyberbullying contra ti?
10. A quem praticas cyberbullying?
- Principalmente uma rapariga
 - Principalmente um rapaz
 - Um grupo de raparigas
 - Um grupo de rapazes
 - Um grupo misto
 - Não sou vítima / Não pratico
11. Durante quanto tempo foste/s és vítima de cyberbullying nas redes sociais?
12. Durante quanto tempo praticaste/praticas cyberbullying nas redes sociais?
- Nunca fui vítima / Nunca pratiquei
 - Mais de um ano
 - Mais de seis meses
 - Duas ou três semanas
 - Uma semana ou menos
 - Ainda dura
13. O que fizeste quando foste vítima de cyberbullying?
(Pode assinalar várias opções):

- Nada, nunca me aconteceu
- Chorei
- Enfrentei a pessoa online
- Conteí a amigos/colegas
- Conteí aos meus pais/parceiro
- Conteí a um professor
- Retribuí o comportamento
- Bloqueei a(s) pessoa(s)
- Ignorei
- Fechei a aplicação
- Reportei na plataforma
- Apresentei queixa à polícia
- Outra

14. Que redes sociais foram usadas contra ti?

Que redes sociais utilizaste para praticar cyberbullying?

(Pode assinalar várias opções):

- Facebook
- YouTube
- WhatsApp
- Instagram
- LinkedIn
- Pinterest
- Twitter
- Snapchat
- Tumblr
- Twitch
- TikTok
- Outra(s)
- Não sou vítima / Não pratico

APÊNDICE III. Escala Breve de Coping Resiliente (EBCR)

A Escala Breve de Coping Resiliente (EBCR) é um instrumento de autorresposta desenvolvido por Sinclair e Wallston (2004), traduzido e aferido para o contexto português por Ribeiro e Morais (2010).

Esta escala tem uma estrutura unidimensional e é composta por quatro itens que visam avaliar a capacidade do indivíduo para lidar com o stress de forma adaptativa.

As respostas são dadas em formato de escala tipo Likert de 5 pontos:

- 1 – Quase nunca
- – Ocasionalmente
- – Muitas vezes
- – Com muita frequência
- – Quase sempre

Não existem itens com cotação invertida. A pontuação total varia entre 4 e 20 pontos. De acordo com os autores da adaptação portuguesa (Ribeiro & Morais, 2010):

- Uma pontuação inferior a 13 indica resiliência baixa
- Uma pontuação superior a 17 indica resiliência elevada